

CACOFFATOS

**Keila Cristina  
Grassi Lourenço  
(1996-2000)**

3

*João Vitor Campos dos Reis*

---



## Prefácio

Pois bem: não se faz trabalhos como esse sem a frieza de compreender e se situar numa ordem de tempo ao mesmo tempo em que se busca apresentar suas conclusões sob outra órbita. Fiz esta faculdade sublimando a necessidade e a pressa sistêmica pela formatura, e creio que em um limite que beirou o extremo. Entendo que grandes mentes acadêmicas assim fizeram suas obras, apesar de, no meu caso, ter a humildade de sujeitá-la à ciência do regramento institucional, o regramento dos nossos docentes.

Afinal, porque a fórmula  $(2n-1)$ , onde  $n$  é a duração máxima do curso, em semestres? Para quem atua na área das ciências exatas ou mesmo biológicas é uma questão de proximidade com aspectos lógicos, mais simples de se concluir, afinal numa prova com um minúsculo erro sobre uma expressão matemática pode por sua média abaixo e não restará outra opção senão a reprovação e a repetição da disciplina — coisa que pode ser resolvida com a dedicação máxima ao estudo e uma vida anti-social, frequentemente e inevitavelmente individualista... a não ser que realmente tenha sido pedagogicamente preparado para cursos que exigem a exatidão e a compreensão dos fenômenos da natureza, para além das exigências metódicas do vestibular. Agora, cursos com a predominância do imponderável como são os da área das ciências humanas envolvem um campo aberto de situações, mais que aspectos avaliativos como a leitura de textos e capacidade de argumentação. São aspectos psicológicos, morais, de vivência social que podem muito bem ser assistenciados pela instituição — e é interessante fazê-lo —, aspectos que envolvem conflitos: morar em república, viver em uma cidade distante, o desenvolvimento da independência, os choques culturais, choques geracionais (coisa que no meu caso, de entrada com idade tardia, enquanto graduando na Unesp, permeou meus raciocínios com este trabalho), a ideologia que confronta a boa intenção acadêmica dos nossos mestres (e as consideradas más).

Todas estas questões podem ser incluídas independente da área. Enquanto estudante da Unesp, é muitíssimo necessário dizer que o perfil de seus campi é, salvo algumas exceções, de afastamento dos centros das cidades, com pouco investimento em aparelhos sociais, isto é, tanto dentro da autarquia (habitação, alimentação, bolsas que investem na extensão acadêmica) quanto fora (áreas de atendimento a necessidades comuns, como uma padaria, um posto de saúde, incrementos na mobilidade). Dependendo do capital econômico e cultural do estudante (ou seja, a condição de classe social, de gênero, de cor e de seu valor, auto-estima e condições de oportunidade perante a sociedade — e o proveito econômico que se faz destes aspectos), isso pode implicar na auto-expulsão e em desistências. Enquanto estudante de Jornalismo observei tanto em mim como nos outros, e em diversas situações, os extremos entre o vislumbre e a incerteza, a euforia e a depressão, o acolhimento e o ostracismo, a paciência e a intolerância — e com este trabalho procuro fazer a provocação: Você, jovem que lê este livro, faz a universidade para que? Como vê a universidade? Entende as disputas políticas que em seu interior ocorrem? Como lida com elas? As considera justas? Ou meras questões de nicho? Entende como a educação recebida lhe afeta? Consegue conceber com precisão qual é o papel do estudante? Humildemente — como venho frisando desde a primeira edição — venho conceber, com este material, o entendimento de que o estudante vive um processo em que ele almeja se profissionalizar em alguma área, tanto pela formação técnica como intelectual. Como se respeita esse processo, se o vemos, em sua infraestrutura, num processo de inviabilização e sucateamento — ou enviesamentos — do papel social a que se propõe?

Enquanto organização, o estudante deve se compreender na diversidade social existente e ampliar seus horizontes, no sentido de que há demandas sociais com quem a universidade têm pendências e exclusão. Estando no interior, o leitor pensou em conhecer mais sobre a questão agrária (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra, MST)? Podem ser a questão das barragens (Movimento dos Atingidos por Barragens, MAB), ou habitacional (Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto, MTST, entre tantos outros). Ou o movimento partidário local — e como o mesmo exerce influências no campus e na cidade? Conhecer seus posicionamentos, desenvolver a mediação, a tecnologia, a publicidade, as observações e abordagens que lhes cabem em um país onde não se estimula o debate sobre a concentração dos meios de comunicação de massa é uma urgência essencial.

Para uma entidade como o Centro Acadêmico de Comunicação Social ‘Florestan Fernandes’ (CACOFF), o ponto de partida envolve desenvolver um alinhamento com projetos pedagógicos, de pesquisa, de extensão, que envolvam suas bases em um saber crítico, bem relacionado, mas autônomo em relação a instituição; que sejam seus projetos de editoração e conteúdo midiático base comum das entidades que a suplantam e que compartilham horizontalmente, em rede, estes saberes — caso dos CA de Arquitetura, Design e Artes Visuais, o Diretório Acadêmico ‘Di Cavalcanti’ (DADICA) e o Diretório Central dos Estudantes ‘Helenira Rezende’ (DCE-HR) — e reforçados pelas executivas de curso — a Executiva Nacional dos Estudantes de Comunicação Social (ENECOS) no caso das graduações da área de comunicação Social — ou por outros CA de comunicação — Como o ‘Lupe Cotrim’ (CALC, da ECA-USP) ou o ‘Benevides Paixão’, da PUC-SP — fazer a conexão capital-interior. Criar elos, promover infraestrutura para atuação mais ampla.

Ora, para um estudante de comunicação, curso relativamente tranquilo e que depende quase sempre do comparecimento às aulas para não ter reprovações (se a pedagogia do professor se importar com esse aspecto), terminar a graduação em mais de quatro anos (ou ultrapassar os sete, no meu caso), é caso de fazer mais que seus projetos individuais. Existe um mundo aberto para ser entendido (em um nicho ermo, é verdade) e o tempo deve ser medido em uma ordem diversa, e com posicionamento preciso, desenvolvendo o progresso que uma entidade estudantil precisa.

*O autor*

## Resumo

*Nesta terceira compilação organizei escritos sobre minha participação em projetos de extensão, como o NeoCriativa, e o Observatório de Educação em Direitos Humanos (OEDH), a participação em uma acampamento do Levante Popular da Juventude (ligado à Consulta Popular) e no Estágio Interdisciplinar de Vivência (EIV — organizado por esta mesma juventude em conjunto com o MST, MAB e outros movimentos) durante meu segundo e terceiro ano de graduação.*

*O depoimento é de Keila Crisina Grassi Lourenço, bauruense, da turma de 1996 da graduação em Comunicação Social - Habilitação em Relações Públicas da FAAC. Seu contexto é o de nascimento do CACOFF, mas em um perfil mais distanciado do papel de chapa. Keila hoje se gradua em Pedagogia na FC, e participou de gestão do Centro Acadêmico 'Paulo Freire' (CAPF) entre 2016 e 2017.*

**Coisas que a gente se esquece de dizer  
Frases que o vento vem as vezes me lembrar  
Coisas que ficaram muito tempo por dizer  
Na canção do vento não se cansam de voar (...)**

Milton Nascimento, Lô Borges, Márcio Borges, Ronaldo Bastos, Fernando Brandt, Beto Guedes, Carmelo

Larrea, Monsueto, Ayrton Amorim, Alaíde Costa, Cacau, Tonho. 'Clube da Esquina'. EMI, 1972, LP.



Depois de reafirmar na o quadro da Risca na parede, o dia seguinte foi de fazer umas compras no supermercado e completar o racha para o almoço feito pela diarista. O Grafite e o Batata discutiam os detalhes finais para o término de seu TCC, um livro-reportagem sobre paratletas. Dei uma ajudinha a eles com as medidas de diagramação do livro, o qual eles pegaram o boneco com base em um livro que o prof.º Dino passou a eles. Guardei o fim da tarde em um horário que acabava de retirar o adiantamento em uma hora.

Procurava agora pela segunda entrevista em Bauru, com a Keila. Sinalizei a ela pelo whatsapp:

**Keila**

**Existe possibilidade de te encontrar amanhã, na faculdade mesmo?**

***Vai na sala 11 estarei prestação de contas com os alunos e depois eu não terei aula***

***Depois do intervalo***

***Dá pra gente trocar a ideia***

***O CAPF vai encerrar o ano e por isso precisamos dar essa devolutiva aos quatro anos de pedagogia***

***Conto contigo lá***

***:\* :\* :\* :\* \****

Conheci Keila em 2016, quando fazia uma visita ao campus vindo de Guarulhos após sair da república procurando documentação para este livro nos arquivos do CACOFF e DADICA. Foi uma tremenda coincidência que apareceu quando passei na sala do DACEL e encontrei-a com outras colegas da Pedagogia pedindo uma caneta. Quando ela se prontificou a me emprestar uma, perguntei da reunião, a qual rendeu assuntos sobre o CACOFF, a descoberta de que ela havia sido da entidade em seus primórdios, e um contato pra continuar sabendo mais. Ela estava em uma chapa do CAPF que retornava depois de uns anos ausente — o CAPF durante um bom tempo foi pra mim apenas um logo colado num papel na porta do Diretório — Sempre que descobria alguma moça da Pedagogia, seja em Bauru, Marília ou Araraquara comentava da importância primordial desta graduação pro país...

Cheguei em cima da hora. O ônibus de Bauru demora muito nas horas em que mais se necessita. Um jovem da grande São Paulo que não seja mal acostumado com o transporte público vai descobrir que a menor chance de superlotação até traz certo conforto, por mais que a demora seja uma marca nas cidades do interior paulista.

Procurava pela sala 11, que faz esquina com salas onde há aulas das ciências exatas e do cursinho Primeiro de maio. Notava o aglomerado de alunas e alunos da Pedagogia. Bem discreto me apresentei pro pessoal, perguntava pela Keila. Mas assim que ela me viu já foi indicando quem sou, o que faço, para que faço...

— Pessoal, este é o João Vitor, ele estuda Jornalismo e... pra que mesmo você veio? — dizia, rindo com leveza ao mesmo tempo.

— Vim para acompanhar as atividades da Keila e do CAPF com fins de contextualizar meu TCC. É um livro-reportagem.

O CAPF fez uma reunião com os quatro anos presentes, para a realização de um balanço financeiro do ano letivo de 2016, que ainda estava terminando devido à última greve — esta fortemente liderada pelos estudantes da recente Moradia Estudantil no campus Bauru<sup>9</sup>. As representantes, nesta oportunidade, buscaram explicar desde questões básicas, como explicar o que é um CA, até atividades futuras, como a recepção dos calouros de 2017 que se aproximava. Em uma apresentação de slides projetada se apresentava uma citação de Paulo Freire, de 1996:

**“Programados para aprender e impossibilitados de viver sem a referência de um amanhã, onde quer que haja mulheres e homens há sempre o que fazer, há sempre o que ensinar, há sempre o que aprender, ou seja, eu tinha muito a fazer”.**

Laura Croce, membra de chapa, explicava que, havia um bom tempo, o CAPF esteve parado; Larissa Barbosa, outra membra, mostrava preocupação com a necessidade de acolhimento, dava exaltação a “um momento de amadurecimento”.

Uma das graduandas sentou perto de mim e pediu a minuta da reunião para anotar. Chamava-se Camila esteves. Já era formada em Artes, participou de mobilizações no campus Marília e deu propostas e indicações em torno do evento. Mais tarde me comentou, como muitos que fizeram parte da moradia estudantil, sobre a contradição do auxílio aluguel e auxílio mobília, que, se por um lado garantia a residência do beneficiado, por outro expulsava o estudante do espaço que na verdade deveria ser bem maior. A moradia atende algo em torno de meio por cento da comunidade unespiana no campus Bauru.

A coordenadora de curso — e que no segundo semestre de 2017 se tornou a vice-diretora da FC —, prof.<sup>a</sup>. Vera Lúcia Capellini, comentou da situação financeira do Departamento de Educação:

— A verba anual do curso de Pedagogia tem menos dinheiro que o CAPF. É a que tem menos dinheiro na FC.

A verba apresentada era de R\$4245,12.

Já a Keila tratou das pretensões do CAPF no último ano. Entre tantas alunas (e uns dois alunos) tinha duas peculiaridades: a de ser formada em RP pela FAAC e de ter sido uma das primeiras membras de chapa do CACOFF. Diante da mediação da coordenadora, a prof.<sup>a</sup>. Vera apresentava propostas de organização, banco de documentos, andamento.

— A recepção de calouras e calouros deve ser do curso de Pedagogia, e não apenas do 2º ano, dizia a Kátia Campos, outra membra de chapa.

Keila chamava atenção para a organização da comissão eleitoral.

— Quem quiser formar chapa — preferencialmente mais de uma...

Tudo foi muito bem explicado sobre os procedimentos. Porém, ritos políticos pedem mais do que uma participação natural racional voltada ao bem coletivo. Infelizmente sempre há um interesse de característica mais emocional na hora de adentrar na política. Nos casos específicos da Universidade pública e as entidades estudantis vale o mesmo.

— Alguém gostaria de participar?

Depois de alguns segundos de suspense, em que alguma mão encanada, cheia de dúvida, receosa à participação política na universidade se levante, Camila acena:

— Posso passar de sala em sala divulgando a eleição.

Vera indicou também as reuniões e representações para comissões e conselho de curso, com titular e suplente.

— Quem tem poder não é o curso, é o departamento. O chefe dos professores é o departamento.

Numa ordem de conveniência dos interesses acadêmicos internos a um campus universitário costumam ocorrer as eleições internas dos departamentos. Com o peso de 15% do total de votos o corpo discente se limita a dizer sim a um professor indicado já sendo este o vencedor das disputas internas, além de um voto que em totalidade tem aproximadamente cinco vezes menos importância. Apesar da pouca influência é importante estar presentes nestes espaços, como é a prática de toda a participação política.

Keila é a mais atenta a ouvir e anotar, faz o simples e o direto após organizar e desenvolver o andamento da reunião.

— Alguém ainda tem algo a dizer? — reforçava às colegas, do início ao fim da reunião. Organizou a pauta, a ata. Algo bastante comum no caso de reuniões do CACOFF era alguém de RP e tomar a rédea destas tarefas.

— É a primeira vez que vejo uma reunião do CAPF sem a intervenção da Psicologia, comentei com a Kátia após a reunião.

Logo depois procurei pela Keila para marcarmos a entrevista. Citava pra mim referências como o professor Arlindo Rebechi e sua esposa Claudia Nociolini, que eram de sua geração. Mas tal como Marco, Keila era uma fonte que me interessava por ser um personagem de ligação ao ME, e não um personagem ativo direto plenamente. Concordamos de conversar na quinta.

• • •

2012, meu segundo ano de graduação, foi quando enveredei para a questão dos direitos humanos. Deixei o NeoCriativa, projeto de Economia Criativa no segundo semestre, quando iniciava mapeamentos<sup>1</sup> de projetos de extensão e atividades culturais. A influência veio quando acumulava muitas tarefas: fazia o possível com o DADICA, tinha um horário para aulas de natação no DEF e participava do GEDH (O grupo de estudos em Direitos Humanos do OEDH) lá na sala 69, com o prof.º Clodoaldo, que acabava de se aposentar das aulas de Filosofia e passava a se dedicar plenamente ao papel de coordenador. Miau, Pixe e Abadá eram bolsistas, e trouxeram o Miguelito junto. Lá tínhamos o aprendizado sobre os Direitos Humanos, sua evolução, e história, bem como as ações feitas em nível federal e referências acadêmicas internacionais como o sociólogo português Boaventura de Sousa Santos.

Tanto o miguelito como eu tivemos bolsa BAAE-I, de permanência estudantil. Ele migrara do PET RTV, na época com o professor Dino, para a BAAE-II, de extensão no início do ano pelo OEDH; já eu permaneci com a BAAE-I, mas a II Jornada de Direitos Humanos, com o tema 'Memória, Verdade e Cidadania'<sup>2</sup> me seduziu à migração para o OEDH. Sem falar que no

NeoCriativa não me contemplava o suficiente: cultura nunca foi muito minha pegada na prática, mas os atos e disputas políticas intrinsecamente envolvidos faziam me sentir com uma presença mais englobadora. Tratei de solicitar ao STAEPE a transferência, ainda mais considerando que já era veterano. Calouros merecem muito mais prioridade com os auxílios-permanência ao meu ver. Mesmo com pouco, deve ser “compartilhado o pão” das oportunidades.

No Sesc, Musta entrevistara Gilney Viana, ex-deputado estadual pelo estado de Mato Grosso, que fez a mesa de abertura da II jornada.

Gilney foi deputado federal e estadual pelo Partido dos Trabalhadores (PT) do Mato Grosso. Esteve entre os fundadores. Também foi o Secretário de Políticas para o Desenvolvimento Sustentável do Ministério do Meio Ambiente, na gestão da Marina Silva, então egressa do Partido Verde (PV) desde julho de 2011. Durante a ditadura militar esteve preso por dez anos depois de lutar ao lado de Carlos Marighella — assassinado em novembro de 1969 em um dia de clássico entre Corinthians e Santos no Pacaembu, com direito a anúncio em pleno estádio — fora 4x1 para o time de Rivelino contra o Santos de Pelé, com 996 gols, que passara em branco<sup>3</sup> —, mesmo assim seu combate aos militares continuou como um dos 15 que protestaram por 33 dias em greve de fome pela lei da anistia em 1979<sup>4</sup>. Sobre o Relatório da Comissão Nacional da Verdade, anda em andamento Gilney disse “todas essas ações em busca da verdade e da memória visam derrubar a ideia de que o golpe foi uma resposta ao avanço do comunismo e a única alternativa de manter a ordem no país”. Sobre a importância daquela Jornada ele comentou que ela “acontece em um momento muito importuno na luta pelo direito à justiça, verdade e memória”.

Esta jornada me marcou por um fato negativo, incômodo (um certo funcionário da Unesp resolveu me bulinar repentinamente no dia da abertura, realizada no Sesc — O Buba, que já havia saído da Risca, mas passava em Bauru na época para resolver suas questões com o TCC me relatou uns fatos impronunciáveis sobre ele...) e vários positivos, aliás positivíssimos, como conhecer as atividades da 58ª Caravana da Anistia<sup>5</sup>, que julgou publicamente processos de presos, perseguidos e torturados pela ditadura na ITE.

O Pirulito, que também participava do OEDH, estava entre os que sabiam unir o útil ao agradável, os gostos e as disciplinas aos projetos e extensões. Era caso típico dos que apreciavam, de perto ou de longe, o jornalismo esportivo. Cobriu um evento de lançamentos de livros, que envolvia o militante e memorialista local Antônio Pedroso Júnior, que é diretor do Centro de Estudos Sociais e Políticos: “Nossa Memória, Ninguém Apaga”, com ‘Márcio, o Guerrilheiro’ e Fernando Nunes Coimbra, futebolista e irmão de Arthur Nunes Coimbra — que todos conhecem como Zico, um dos grandes mitos do futebol — apresentava o livro ‘Futebol e Ditadura’, reportado no Jornal da Cidade como “o segredo guardado da perseguição, prisão e tortura política sofrida (...) estratégia da qual se valeu para não prejudicar ainda mais as carreiras dos irmãos Coimbra no futebol, sobretudo Zico e Edu”<sup>6</sup>.

Piru, abreviando nomes, era de minha turma noturna e além dele participaram a Maitê, a Aline e o Fiuk. Participavam das atividades do OEDH e até prepararam — não sei se necessariamente neste agrupamento — um suplemento jornalístico muito bem elaborado chamado ‘A Gente’, tratando de personagens e histórias do período da ditadura militar em Bauru.

Eu, vivendo em frenesi e mais próximo do pique experimentalista, do *new journalism*, de uma vida cheia de ineditismos no jornalismo, pesquei no ar uma entrevista com Carlos Roberto Pittoli, ex- preso político, um militar que se mobilizou em resistência à ditadura. Com

os estudantes sempre o vi como pessoa de papo reto, despejando nas mesas, atos, debates e rodas de conversa em que participava esperança e vontade de luta. Inclusive detalhou a tortura de evento em evento em que participava.

**Fui 3º sargento.**

**6 meses incomunicável...**

**...10 meses numa solitária...**

**Eletrochoque no pênis...**

**Me ameaçou de morte...**

**...Fui pro DOPS... cadeira do dragão**

**...Fiquei preso por dois anos, um mês e um pouco.**

E em fins dessa Jornada a peça ‘A Filha da Anistia’<sup>7</sup>, realizada no Theatro Municipal de Bauru, também acompanhou a caravana. Retratou o drama das vítimas da ditadura após o golpe civil-militar de 1964. Como um aficionado ao tema, assisti na primeira fila.

Mais tarde, outro trabalho que realizei como bolsista foi lá na Diretoria de Ensino de Bauru e região (local da antiga FEB). Havia a exposição itinerante ‘Direito à Memória e Verdade’<sup>8</sup>, que acompanhava a caravana. Todos nós como bolsistas tivemos a tarefa de auxiliar na exposição, a montagem dos biombos, e exibição do filme que contava sobre os 30 anos da Lei de Anistia para crianças do ensino fundamental das escolas estaduais da região. Foi uma tarefa difícil falar sobre o que se aprende sobre a ditadura militar para crianças do 5º ao 9º ano, normalmente mal guiadas em um sistema caótico onde a atenção aprofundada a assuntos como esse ficam pelo caminho. Era frustrante olhar situações como essa, as quais vivi eu próprio — afinal passei pela escola estadual — e não conseguir fazer nada. A pedagoga da DE que me ajudara nesta exposição inclusive me explicava, em um intervalo para o almoço, a normalidade com que isso tinha que ser aceito.

— Com todo respeito: não é um papel seu, da sua alçada, ter a orientação ideal para as crianças na exposição? — questionava, confuso e entendendo um pouco do que passava um professor da rede pública paulista.

— É assim mesmo. Não é algo que vai estar ao seu controle. Alguns grupos sabem mais, outros menos, independente da idade. Só resta impor um pouco de ordem.

Era um fato inevitável. Em uma educação pública sucateada com servidores sujeitos a inúmeros problemas fora de seu alcance já podíamos chamar uma grande vitória passar alguma coisa que seja sobre os fatos inegáveis da ditadura militar. Mas o fato é que ou devíamos preparar os jovens para uma excursão a um evento sério, ou devíamos preparar um evento cultural mais apropriado à interação destes. Aliás, foi o que aconteceu com relação à peça durante a jornada. Ainda bem que há professores empenhados em estimular seus pupilos!

Aconteceram muitas coisas em um ano em que meu orgulho batia de frente com brigas profundamente sentimentais, tanto nas relações pessoais quanto nas maiores amizades.

Aliás, a Risca passaria, aos poucos, de uma fase mais organizada, de espaço comum de reuniões do CACOFF para um período mais anárquico. Uma transição gradual, onde paredes se riscavam com menos significado, móveis iam sendo introduzidos ou trocados, costumes geracionais começando a entrar em choque. Mas as ideias permaneciam. Desde sua ida ao 5º EIV o Miau se esforçava em articular as mobilizações sociais, inclusive levando a mim, o

Miguelito e a Aline para um acampamento do Levante Popular da Juventude em Cajamar, num feriado de Corpus Christi — curioso que na noite anterior assisti com o Miguel e o Batata no Bar do Vardi, que ainda ficava há 2 quadras da Risca, a uma derrota do Palmeiras para o Sport no brasileiro — sendo são-paulino não quis perder a piada do ‘Porcus Tristi’. Deste acampamento podemos dizer que é um modelo alternativo às grandes assembleias universitárias ou congressos organizados pelos DCE (provisórios como o da Unesp ou não). Esses eventos para mim sempre foram muito intensos e marcados pelo acirramento, enquanto que os acampamentos ou festivais envolvem essa intensidade numa grande oportunidade de descoberta, de ampliação de horizontes de conhecimento palpáveis, sem se abster dos debates.

Antes, sigamos com uma explicação detalhada. O ‘Levante’, assim chamado, é primeiramente uma juventude organizada no ano de 2012 pela Consulta Popular — organização socialista assim autodeterminada e formada em 1997 em Itaici, estado de São Paulo, por militantes representando mais de 350 movimentos populares de todo o Brasil, religiosos, ligados ou não a partidos políticos, gente da cidade e do campo e, por silogismo, com proximidade ao PT e MST<sup>10</sup> — é possuidora de certo distanciamento crítico no diz respeito às estratégias eleitorais petistas, ou seja, à esquerda do que se convém às tendências dominantes, internas ao PT, mas algo que remete a postura da UNE após a primeira eleição de Lula em 2002<sup>11</sup>. Podemos entendê-la tanto pela característica de fórum, uma “ocupação do espaço cativo do PT”<sup>12</sup>, quanto de uma organização política que funciona como um braço político de apoio, vindo do MST — apesar disso não é um partido que busca registro, e não busca “negar a importância das eleições na política, mas romper com a lógica da centralidade na luta eleitoral”, num “compromisso com a Revolução Brasileira”<sup>13</sup> — neste escopo é que se vislumbra a organização e nacionalização do Levante.

Dos nomes criadores da Consulta, podemos destacar três nomes. Primeiro, o sempre indutivamente estampado em vermelho-sangue, vermelho-crime, vermelho-pecado nas capas da revista *Veja*<sup>14</sup>, João Pedro Stédile, escritor e economista, que de técnico da Secretaria de Agricultura do RS e assessor da CPT foi, a partir de 1979, organizador e depois membro da direção nacional do MST, além de atuante pela organização internacional Via Campesina e filiado ao PT; que foi, em 1985, de linha política divergente do sindicalismo reformista e da Contag — a opção pela ocupação de terras ao invés do acordo de reforma agrária com o governo da Nova República —, sendo próximo do ‘sindicalismo autêntico’, ou ‘novo sindicalismo’, caracterizado pela CUT<sup>15</sup>; uma das lideranças durante a Marcha dos 100 mil de 1999 — onde o Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU) e a Conlutas através da mídias da Quarta Internacional o contextualizou no ‘Fora FHC, fora FMI’ como de postura hesitante em relação ao impeachment<sup>16</sup>. Segundo, o sempre convicto e incisivo Plínio de Arruda Sampaio, advogado, militante das antigas JUC e AP nos tempos de golpe civil-militar; fundador, deputado constituinte e dirigente do PT, posteriormente migrante ao Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) em 2005, sendo candidato ao Governo de SP em 2006 e à presidência da república em 2010; falecido em no dia 8 de junho de 2014, coincidentemente o ‘dia do 7x1’ da copa; um de seus filhos, Plínio de Arruda Sampaio Júnior, da tendência ‘Corrente Socialista dos Trabalhadores’ (CST) chegou a fazer suas disputas internas no PSOL como pré-candidato à presidência da república em 2018. Por último, o complexo César Benjamin, também militava no ME dos anos 60, também economista, jornalista e cientista político, co-fundador do PT, do qual desfilou-se em 1995, candidato a vice-presidência de Heloísa Helena nas eleições de 2006 pelo PSOL, também desfilado no final do mesmo ano — sem partido compõe desde 2017 o programa político e o gabinete do prefeito da cidade do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella, do Partido Republicano Brasileiro (PRB), como secretário municipal de educação crítico de desvios políticos e das pautas dos partidos de esquerda onde fez parte. Entre casos exemplares de posicionamento há o contexto do mensalão, em 2005, numa entrevista predominantemente ‘levanta-e-corta’<sup>17</sup>. Depois, em 2009, um artigo na Folha onde acusa Lula de abusar de um militante<sup>18</sup> (rapidamente rebatido pela militância favorável<sup>19</sup> e trepilhado com uma explicação envolvendo a produção do filme *Lula, o Filho do Brasil*<sup>20</sup>). Por

último indo, em 2017, contra o que chamou de “política de costumes” ao criticar a militância de minorias no Rio<sup>21</sup>.

Segundo sua página, o Levante é uma “organização de jovens militantes voltada para a luta de massas em busca da transformação da sociedade”, e propõem “organizar a juventude onde quer que ela esteja”. Nada muito diferente do que se imagine ser um movimento de estudantes e seu vai-e-vem de correntes partidárias devido a posicionamentos políticos que geram choques, contradições internas, certos constrangimentos na rede e rachas — quer queira quer não — sem significado progressivo para suas agendas políticas. MAS fazendo o justo aprofundamento — afinal não tratamos aqui de julgar esse ou aquele movimento como uma seita intragável, muito pelo contrário — a característica do ‘onde quer que ela esteja’ traz embasamento às causas, que se organizam, também segundo seu site, nas frentes estudantil (a disputa pela UNE e proposição contra-hegemônica do modelo de universidade), territorial (trabalhando com a juventude das cidades, especialmente as formas de protagonismo e ocupação dos espaços pela periferia), e camponesa (dinâmica dos jovens de assentamentos do MST — que o diga ser o inspirador dos acampamentos — MAB e PJR). SOMOS A JUVENTUDE DO PROJETO POPULAR é a frase sempre destacada em caixa alta, que está lá escrita naquele sítio — algo tão útil quanto um jogral, só que na forma escrita. O Levante se destacou principalmente nas ações contra torturadores da época da ditadura militar conhecidas como ‘escrachos’ ou ‘esculachos’, com cartazes, intervenções teatrais simulando a tortura pelo pau-de-arara, pixando suas casas com a frase AQUI MORA UM TORTURADOR e etc. Para efeito das ações da Comissão Nacional da Verdade serviu como um tremendo eco<sup>22</sup>.

Voltando ao acampamento: foi uma viagem nada simples, que tinha, primeiro, uma escala com o ME da ESALQ em Piracicaba. Em uma das paradas dessa viagem, em Lençóis, um senhor pareceu conseguir a viagem de favor, algo inusitado em um Expresso de Prata, fora o transporte de alguns presidiários recém-saídos da pena. Indo em direção a São Pedro a PM faria uma Blitz. Tínhamos partido cedo da rodoviária de Bauru, às 7h. Miau dormia igual a uma pedra e não tinha visto a entrada de policiais com metralhadoras, como quem fazia alguma operação pente-fino ou coisa do gênero. Eu e a Aline, duas pessoas com cabelo grande e contendo negritude, mais o Miguelito, fomos intimados a sair do ônibus, tendo nossas malas e mochilas vasculhadas. Creio eu que o Miguel só foi junto por estar sentado ao meu lado, ou por ter ‘cara de estudante’. E claro, ‘cara de estudante’ implica, pra não precisar descrever muito de meus camaradas, não só as roupas de algodão folgadas, estampa de alguma referência ideológica em busca de convergência como Gal, Banksy, Mujica, Hoffmann, Rosenberg, Allende, Machado, Arns, Salgado, Allende, Evair, Davis, Caetano, Mandela, Brown, King, Sabotage, da Silva, Gil, Belchior, Pai Mei, Lee, Lucas, Miyamoto, Kojima, Nakamoto, Iron, Ramone, Morrison, Lennon, Dylan, Gilmour, Cobain, Herzog, Neto, Moreira, Reich, Milk, Butler, Fonda, Tchaicovsky, do Rio, Nunes, Elis, Tim, Zé, Pecci Filho, Moraes, Jobim, Buarque, Telê, Barnabé — pra não dizer de Che, Zumbi, Conselheiro, Raul... chinelos e shorts curtos, ou qualquer vestimenta de seda pura — roupas que apesar do clima tropical — que o diga o interior paulista — trazem estranhamentos variados — e outros elementos estéticos que reforçam a autoestima de minorias invisibilizadas, e a finesse de uns óculos mais estilosos servindo como a cereja do bolo que traduziriam uma outra invisibilização — esta, na verdade, uma ocultação midiática, uma revelação de um status de privilégio social, que é o que podemos observar enquanto estamos na vida acadêmica.

Depois de espalhar meias, vestimentas íntimas, e etc. e visto que não havia nada de irregular, nenhuma forma de imposição da lei de drogas<sup>23</sup> ou o que seja.

— Pra onde estão indo com todas essas malas, colchões? — Perguntou um PM, ao qual Aline respondia prontamente, e eu, quase ao mesmo tempo, a acompanhei:

— Um acampamento.

— Pra aproveitar o feriado, né? — emendei.

E cada um com um temperamento: Eu era o incólume — por mais que a postura fosse desajeitada, de pernas afastadas e ostentando uma barba caótica; Aline com um ar bem irônico

— expressou com gosto a espécie de racismo nessa história depois —; já o Miguelito estava mais questionador, mais no olhar do que com palavras.

Com tudo em seu lugar o senhor, afinal viajando ilegalmente, foi levado pelos PM. O acampamento foi interessante pra formação de militância, e já se ensaiavam a passos largos a militância de minoria. Me juntei a uma oficina de teatro e obtive lições únicas, nada tão rígido, nada tão zen. Dessa oficina foi bolada uma intervenção no mesmo dia. Foi criado um mantra em função das pressões sociais que cada um expressou e como elas desagregam as coletividades e por aí vai.

## **Quem ousa se ouvir, Consegue se unir!!**

Foi um momento bem aproveitado. Miau e Miguelito documentaram as atividades, como um grupo funcional — Numa organização autogestionada é uma prática comum o revezamento de tarefas como limpeza, mídia, e a tal da *mística* — um nome mais bonito para as intervenções que o Levante utilizava. Afinal, colaborei para a organização de uma.

Este evento foi um raro momento em que eu e Aline convergimos razoavelmente nas ideias. Se havia um problema na tentativa de elaborar uma gestão no DADICA foi o excesso de discórdia entre nós: as vezes ela estava certa. As vezes ela só queria que eu estivesse errado.

• • •

Na quarta-feira aconteceu a recepção unificada dos calouros, uma reunião do CEUB organizada para explicar os pormenores do campus e a forma de organização dos estudantes. Em 2017 havia uma feirinha de recepção da FAAC, puxada pelo DADICA, apresentação de coletivos voltados às minorias, e claro, a apresentação dos CA. O local era o de sempre: em frente à biblioteca do campus, local que por tradição tinha uma singela roda para falar de entrelinhas políticas do meio acadêmico, e que por vezes reúne multidões em crescimento como o fermento para o bolo da greve.

Caê, da Psicologia, apresentava o Coletivo Negro Kimpa, e tratava de falar da situação atual do sistema de cotas, a complicada sigla SRVEBP (Sistema de Reserva de Vagas para a Educação Básica Pública). Da época da greve estudantil de 2013, que barrou o modelo PIMESP, implementou-se o projeto de inclusão gradual, onde, para o vestibular de 2014 foram reservadas 15% das vagas para estudantes de escola pública. A turma de 2017 de todos os campi da Unesp contava com 45% das vagas e em 2018 se consolidou a sancionada cota de 50%. Dessa cota, 35% é garantida para Pretos, Pardos e Indígenas (SRVEBP+PPI).

Já a Nathalia se pronunciou sobre a importância do movimento feminista. Apresentou o Coletivo Abre-Alas. Em comparação ao início do coletivo a jovem trouxe certa autocrítica, quanto à relação de pautas e às experiências de violação sofridas. Vale salientar o seguinte sobre os coletivos, e especialmente o feminista: o debate e o diálogo dentro de um nicho como o acadêmico deve ser exercitado. Não se trata de uma reprodução completa de um estado de barbárie apesar da universidade pública estar sofrendo muito, ainda mais levando em consideração que este sempre foi um espaço contraditoriamente privilegiado. O livro 5 deve tratar um pouco mais de histórias em torno deste assunto.

Diversas entidades estudantis com seus diversos caracteres foram se apresentando, como a conexão Atlética, Naumteria (a bateria), Febre Amarela (torcida) e Texuguetes (grupo de *cheerleaders*). Estava ali também o Marco, com ‘cara de estudante’ como tantos outros e outras com ‘cara de estudante’ para falar dos núcleos principais, e fez sua apresentação sobre o

DADICA e os CA da FAAC: CACOFF, CAFCa, CADUnesp e CAAV. E a instância do CEUB como espaço de discussões comuns. — O objetivo do CEUB é unificar a base, os CA e os DA objetivamente em torno das causas — discursava, com a típica e necessária voz firme e alta que chama atenção a muita gente

Felizmente o DACEL ainda busca reunir os cursos da FC em suas chapas, normalmente dominadas pela Psicologia, mas que em 2017 já davam ares de uma certa mudança de perfil, estando presentes estudantes de Química (com a formação do CAQUI), Matemática (que em algum dia teve a entidade CAMA), Pedagogia (CAPF), Biologia (CABio), Física (que tentou há alguns anos formar um CA junto com a recente graduação em Meteorologia o nome do astrônomo, astrofísico e cosmólogo Carl Sagan), além da  $\psi$ . Faltaram só os cursos de Sistemas de Informação (SI) e BCC (Formam o CAComp), também a Educação Física (sim, não se traduz somente em Atlética, há a representação pelo CAEF, se houver chapa). Até a engenharia traria sua representação pelo DAFAE. Afinal havia ali uma nova fase positiva para o ME, consolidada por reflexo da greve de 2016. Sobre essa greve — aliás uma greve animadora em aspectos de organização — cabe detalhar seu perfil no sexto livro.

Após a roda de conversa a Naumteria fez uma apresentação no bosque, animada com a sediação d'O Inter (ou Interunesp) em Bauru pela primeira vez.



Dizia o manifesto 'Krig-ha Bandolo!'<sup>24</sup> que “existem várias imagens para se descrever o caminho das coisas” sendo que numa delas é dito que “o Universo é composto de quatro elementos: a Terra, o Fogo, a Água e o Ar”. A roda dentro da república continha muito de Bob Marley e em consequência muita inspiração para tragar tudo que era sinônimo de criatividade de ludismo — e isso foi longe. Mas se havia algo que serviu de base era o Abadia e as ideias que trazia e que desconhecia sobre Raul Seixas, seu papel anárquico, a razão de se pedir pela frase “Toca Raul!” em toda e qualquer atração musical de algum cover de banda para um público meio vazio em um bar ou festa estudantil demasiadamente comportada. Era invocar, porém, tudo que seque se refira a uma caixa de Pandora musical.

No meio de ano todos entraram de férias. Já haviam muitos arranjos e muitas músicas decoradas depois das aulas, mas havia só os instrumentos de corda: Miguelito tinha o baixo; o BB, músico mais experimental, aprendeu e evoluiu de maneira mútua com o Beto, que conhece violão clássico; Pixe tinha sua guitarra. Tínhamos aí os ‘quatro elementos’. Num domingo os músicos — não todos, e até tinha quem não fosse músico no rolê — eu também não — foram até São Carlos, cidade do Miguel, atrás de uma bateria. Voltaram no dia seguinte um nove de julho marasmento, típico do período de férias de uma cidade universitária do interior. E era uma bateria com alguns remendos no surdo, que tinha uma coberta velha no interior. Também faltava a caixa.

O Xote já tinha feito 6 meses de violão, mas ficava a parte nesta onda; o Miau não tocava nada; eu gosto de cantar, sempre soube que não era nada de mais, nada de profissional.

De ensaio em ensaio o pessoal foi pegando gosto e entrosamento. BB até participou um período, emendando um vozeirão com *Roadhouse Blues*. O Beto fazia a primeira guitarra, cantou um pouco. Miguelito fez o baixo, cantava um pouquinho também. O Pixe fazia uma segunda guitarra, e era um “vocalista principal”. Até o Abadá cantou uma vez... mas o negócio dele era a bateria mesmo.

Já eu... Cantava algumas músicas mais lado A do Raul, mas com performance de lado B. O engraçado é que foi pra mim uma espécie de imersão que passou por umas oficinas teatrais em Bauru — fiz umas no centro cultural da FOB e outras no Theatro Municipal, além da oficina do acampamento do Levante. No meio do show, seja numa república, no bosque do campus ou em bares da Duque de Caxias como o Jack ou Exílio a ideia era entrar no meio do show, cantar um *Maluco Beleza*, e seguir como um *backing vocal*. Isso rendeu umas boas fotos do Enxame Coletivo em fins de existência, um ‘gif’ aloprado, um pouco de egocentrismo, um texto de 18 mil caracteres para o suplemento na disciplina de Impresso II, um *mosh* memorável. Essa banda caótica tinha o nome de *Os Raulzitos*.



Foi divertido. Rende um saudosismo que o curioso que resolveu gastar seu tempo querendo ler e entender que diabos acontece com o ME do interior vai sentir com muita força no seu último (ou não) ano de graduação.

Ah! também havia o Batata como músico em casa. Toca um bom cavaco, gosta de samba, um pouco daquele de raiz, e bastante daquele que já tinha uma década e meia de existência e um certo status cult, caso do pagode dos anos 1990. Mas pediu pra sair de casa: o som diário de bateria fez como que ele se mudasse pra república Babilônia em 2013.

E com o tempo a qualidade foi melhorando. Miguelito passou a ser tecladista, Beto foi tocando baixo. Cada *setlist* era preparado em um estúdio na altura do Centro Comercial Duque de Caxias — até pra evitar problemas com a vizinhança que tinha reclamações dos prédios próximos. Tinha vizinho que jogava até bombinha.

Raul é especialmente interessante por ter um sentido anárquico, extremamente crítico. Por bater de frente com situações módicas. Tinha muita música polêmica, música viajada, ironias fortes, um algo a mais em suas letras. Algo que fazia com que surgissem uns quarentões bêbados ou qualquer gente com um espírito anarcopunk da época da redemocratização admirar o trabalho. E também as pessoas da cena cultural de Bauru. Apesar disso tudo não havia esse espírito em mim, salvo uma inspiração política.

Descobri o que era Raul de verdade até antes de entrosar essa banda. Todo fã doente de Raul sabe da importância do dia 21 de agosto e percebi este fato em um dia que para mim era como qualquer outro em uma viagem até a Sé para comprar uns livros num dos vários sebos da região próxima à praça. Ao anoitecer iria rumo à estação de volta pra casa quando passava um carro de som, daqueles de campanha política (era a época da eleição à prefeito de Fernando Haddad, do PT):

# MALUCO BELEZA

## 31013

Mas aí estranhei que este candidato do Partido Humanista da Solidariedade (PHS - funda-se um partido, rasga-se dinheiro, tacam fogo, *Só Pra Variar...*) diz que concorria pra Osasco em um dos panfletos que distribuem. Fui acompanhando a Kombi até a Catedral da Sé, e dei de cara com uma legião de gente magricela com cavanhaques e roupas de couro. Haviam famílias com crianças pequenas, gente pouco inspirada mas que parou pra ver, e até gente vestida a rigor (cover de Raul é como cover de Elvis), inclusive um que estava vestido identicamente ao Raul de *Plunct-Plact-Zum*. Enfim, era um misto de comício dom flash-mob, com uma horda de Raulzitos cantando *Gita, Medo da Chuva...* Raul era como o jogador que tinha a manilha em um jogo de truco junto com Belchior, jogando contra Gal e Caetano, com direito a uma boa turma esperando sua vez de dar sua cartada. Miguelito gostava me dizer do peso da música *Eu Também Vou Reclamar* no contexto em que Raul se inseria, de certo afastamento da cena da MPB e da Tropicália a um crítico dos críticos.

**Mas é que se agora**

**Pra fazer sucesso**

**Pra vender disco**

**De protesto**

**Todo mundo tem**

**Que reclamar**

E o que dizer de hoje em dia, quando o próprio ativismo é obviamente apropriado pelo poder hegemônico, marketizado em propagandas<sup>25</sup>, alienado de ideologias e protagonismo<sup>26</sup>, ou até discutido nos textões da rede social pelo público que pratica a transgeneridade morbidamente em sua escrita<sup>27</sup> em clipes das divas pop. Se tem um dia que gosto de lembrar desse lado de Raul foi uma vez em que fizemos um som em um evento do CACOFF em abril de 2013, com o tema do golpe civil-militar de 1964. Nesse dia recitei *Pra não dizer que não falei das Flores*. com uma colinha num caderno, mas ficou impactante. Também soltamos uns áudios de shows onde Raul criticava a ditadura. Isso e mais umas letras como *Rockixe*, Novo Aeon, Ouro de Tolo, A Maçã...

Havia ali também a banda Babilônicos, que fazia o melhor som daqueles que eram inevitavelmente o alvo da crítica de Raul, a MPB e toda música que continha a tal da brasilidade sensibilidade branda de um ativismo mais conformado, até polido. A inspiração favorita eram os Novos Baianos, ou Criolo, Zeca Baleiro. Entretanto nada que afugentasse o público da faculdade, muito pelo contrário — rapidamente o Xaxado, junto com a Mandi e o Fezão, mais o Herculano, jornaleiro de 2013, e o Mineiro, de Design. produziram sons autorais como *Pula daí*, *Esmola*, *Questão e Camisa 5*, minha favorita. Tinha também o Du, que tocava um trombone qualificado e era o único músico profissional, formado no Conservatório de Tatuí.

Com o tempo o pessoal deu sua absorvida ao Reggae, colando com o pessoal da república McLövin, onde moravam o Jão e o Sapata fazendo um vocal revezado. Formaram o Skala Natural, com o melhor de Bob e outros mitos do reggae raíz. E tiveram dois vocais da Arquitetura, primeiro o Lau, que depois deu lugar a Sorocaba, duas vozes muito boas. Tinga vinha de guitarra, BB arrumou um trompete e havia ali um octeto que vi compor um pouco de perto o grito de socorro de *rios da babilônia*.

Também rolou por um tempo o Samba com o Saca-Peitas, um misto de toda essa galera, somando ainda o BNegão descarregando no surdo.

Entre todos nós e outros nós se articulam bandas diferentes. Havia uma forte cena no fim da década passada — quando havia o Fora do Eixo em interação com a vida universitária — e um destaque que perdurou foi o som autoral do Homem-Bomba, que tinha o Led, o Mijão, o Japa (deu uma boa assessoria fotográfica além de bater uma boa percussão) de Radialismo, o Lucão de Artes. E na cidade, o Pixe e o Beto chegaram a fazer parte de uma formação da Almighty Devildogs, banda de surf rock, junto com o Nardi, o cara mais proativo que conheci nessa cena, dentro da cidade Bauru... Não deu certo, a banda deve estar em um *stand by*. Mas ele também trabalha em outros projetos, como a banda Romero, inspirada no diretor George A. Romero, famoso por filmes como *A Noite dos Mortos Vivos*. Nardi costumeiramente tem a articulação com a cidade, com o nicho do punk rock. Eventos variados no Vitória-Régia são um palco oportuno para bandas autorais

E as bandas formadas trazem, claro, o conhecimento de conservatório, de um curso de violão, de uma igreja, e muita curiosidade, criatividade. O verso 1055 do manifesto ‘Krig-ha-bandolo!’ declama com urgência e com essência:

**“Estão salvos aqueles que ainda acreditam na imaginação, que tem vários nomes. O momento porém não é dos melhores. Em todos os cantos do mundo a imaginação cede lugar a uma pseudocriatividade dirigida unicamente para esta coisa concreta e abstrata chamada monstro SIST, que absorveu as melhores horas de nossa juventude e quase cederam às seduções do monstro SIST.”**

• • •

Na manhã de quinta, Keila sinalizou-me:

***João Vitor por causa do horário do meu ônibus vou chegar por volta das 17h15***

**Ok  
Vou tentar não atrasar muito  
Blz!**

## Até lá

Mais uma tarde ensolarada, abafante, com aquela brisinha de leve que faz o calor ter o direito de nos cozinhar. O cão estava com um ‘abajur’ na cabeça: havia feito uma cirurgia para tratar dos ligamentos da pata traseira. Tava tristão, manhoso... Tirei uma baita foto. Almocei o melhor que a diarista oferece, acumulei as melhores energias.

Chegando ao campus fui até o que chamam ‘pátio dos DA’s — uma estrutura onde residem as entidades estudantis, que fica bem próxima à biblioteca e à Sala 01 — na prática uma sede física do que se designa o CEUB. Combinei conversar com Keila na sala do DADICA — uma nova sala, reaproveitada no espaço onde se organizou um curso de idiomas do DAFAE. Keila descia a ala de salas à esquerda da biblioteca, correndo contra o tempo. Tinha no horário de aula uma apresentação de trabalho com o professor Vitor Machado. Umas duas pessoas de Artes terminavam uma reunião na sala. Tomei uma água e sinalizei pelo celular, não demorou para a cortesia de apertarmos as mãos.

**Keila, estou aqui na casinha dos DA's  
Acha uma boa fazer a entrevista aqui?  
Ou prefere a biblioteca?**

**O bom é estarmos num lugar de preferência silencioso.**

## Cheguei

### Tem ventilador???

E no que já a cumprementei, fiquei ainda mais por me trazer fotos. Papel fotográfico, imagem ‘física’. É um tato diferente, uma câmera e uma tecnologia diferente, capaz de dar mais vida, realismo e detalhismo do que qualquer editor do celular. Enquanto memória um celular no máximo se propõe bastante subjetivo. Entre um assunto sobre o calor escaldante ou o fato de que o DADICA ficava onde fica hoje o CACOFF — o que não impede em um contexto que seja que qualquer outra entidade ceda o espaço para qualquer atividade — basta inspiração e quem sabe, criatividade, ou uma câmera profissional, um violão, um meio que sirva para obter verbas sob propriedade de um CNPJ — ligava o gravador e fomos comentando sobre elas:

*Essa daqui foi em 95... Os dois dias de trotes de Artes. Antes de terminar o primeiro semestre desisti do curso... Nessa época eu já fazia magistério. Estava no terceiro ano de magistério quando entrei em Artes. Desisti porque dentro da família, de maneira velada, corria aquele negócio: “ah, entrou na Unesp, mas faz Artes, vai passar necessidade, fome”. Aquela visão bem estreita... Aí nesse mesmo ano prestei pra Comunicação, prestei pra RP e aí em 96 já entrei de novo...*



*Fui da comissão diocesana da Pastoral da Juventude, ao mesmo tempo em que fazia o magistério. Aqui nós organizamos um projeto de pré-vestibular que se chamava 'Projeto Pró-Vestibular' e funcionava em salas de aula emprestadas, com televisão, e a gente comprou um kit daqueles de um programa chamado Vestibulando, da TV Cultura.<sup>28</sup>*

*Eram fitas VHS e a gente tinha 3 salas em diferentes locais: uma no centro, outra no Cefam na Falcão e uma sala na Paróquia Nossa Senhora das Graças no Parque Vista Alegre; A gente fazia rodízio com a fitas e a galera estudava pro vestibular. Dessa turminha aqui uma colega nossa passou no vestibular de Ciências Sociais na Unesp de Marília e uma outra passou*



*no vestibular da USC pra Jornalismo, e frequentaram essas salas de estudo...*

## **Um jornal concorrente... enquanto possuir uma frota de ônibus**

A informação constava numa edição do antigo Diário de Bauru, sem data precisa. Posto em um espectro político, foi um veículo impresso concorrente ao Jornal da Cidade, assumindo uma linha editorial à esquerda — progressista por assim dizer e para efeitos da política institucional — durante a ditadura civil-militar<sup>29</sup>. O veículo foi fundado em 1946 e também tinha ligação com o ramo do transporte coletivo, no caso a Empresa Paulista Reunidas de Transporte — a Reunidas Paulista — e assim disputava a hegemonia midiática com o Grupo Prata, dos Franciscato.

Mas a disputa durou somente enquanto o grupo Reunidas esteve nas mãos do empresariado bauruense. Mudanças ocorreram com o jornal assim que a Reunidas Paulista passou, após incidentes misteriosos, a ser do grupo de Constantino de Oliveira, ou Nenê Constantino, hoje um patriarca octogenário — quase nonagenário — cuja família é fundadora e acionista majoritária da Gol Linhas Aéreas — e mudou sua sede para Araçatuba em 1980. Desde 1996 a Reunidas Paulista é parte de uma corporação liderada por Aurivânia Constantino, sua filha primogênita que, em 2006 inaugurou o Alameda Quality Center em Bauru, no Km 335 da rodovia Marechal Rondon<sup>30</sup>. Até que serve como uma alternativa um pouquinho fora do

mainstream cinematográfico dos shoppings, mas bom mesmo é procurar pelo Cine Extinção, da Cussy Júnior. O DB, para prejuízo da diversidade informacional, acabou no ano 2000.

Os Constantino detém, além das linhas aéreas com a maior fatia de mercado<sup>31</sup>, uma holding do transporte rodoviário e urbano, o Grupo Comporte. Cedo ou tarde um estudante da Unesp já terá pego um ônibus (slavo tenha aderido a alternativa das caronas — até o momento dentro da margem de segurança e um alento no custo-benefício) de empresas como Pássaro Marron, São Paulo São Pedro, Breda, Empresa Cruz, Piracicabana, Manoel Rodrigues. Fato relevante é que Nenê Constantino foi em 2017 condenado por assassinato de um líder comunitário ainda em 2001 e foi pivô da renúncia do senador Joaquim Roriz (PMDB-DF)<sup>32</sup>.

O fundador do DB foi o Nicolinha<sup>33</sup>, foi prefeito de Bauru de 1956 a 1959 pelo antigo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) — um cidadão de extrema importância que é relacionado a diversos marcos de progresso e marcas que comungam a cidade como a Avenida Nações Unidas, a FOB/USP, o incentivo ao esporte pelo BAC, o Bauru Atlético Clube, famoso ‘primeiro clube onde Pelé jogou’, e o slogan “Cidade sem Limites”, vindo de um poema publicado em alguma edição de seu jornal no ano de 1953. Alternou suplências e titularidades como deputado estadual e transitou por diversos partidos, sendo Social Democrático (PSD) sua primeira legenda. Depois do PTB, esteve também no Trabalhista Nacional (PTN), Democrata Cristão (PDC) e até a ARENA após o fim do pluripartidarismo na ditadura — o que não impediu sua cassação pelo o AI-5. Dizem dele que também foi um mentor político de um José Dirceu antes da militância e guerrilha.

Com esta complexidade de mídia, empresariado e políticos em Bauru, é de se pensar que o estereótipo de cidades do interior como o de ‘provincianas e arraigadas sob raízes conservadoras’ tenha a sua verdade, mas que cabe ficar apenas na estante dos discursos de lugar comum, sem colaborar com os fatos do passado e presente, com a memória e com a diversidade de ideologia e mais ainda a diversidade de cultura — se dizem em relação às minorias o ‘nunca’ quando na verdade deveria ser dito o ‘sempre’ (o problema é a apropriação que se faz desses discursos, enfim) —, mesmo que sob um jogo de andarilhos políticos, de elites proprietárias e cartas marcadas.

Keila foi explicando detalhadamente e sob voz vagarosa, de calma, o seu contexto, a fonte dos seus saberes, seu processo educacional, foto a foto. Era uma vida ligada a PJ (Pastoral da Juventude) e a participação em causas sociais.



*Em maio de 96, já estava no primeiro ano de RP. Essa minha vida ativa, comunitária, sempre existiu, antes de eu entrar na universidade. Isso também me motivou a prestar RP, porque eu queria saber mais sobre comunicação, achava que isso ia me ajudar numa série de coisas. Foi um dos motivos que eu escolhi pra estar num curso mais amplo, mais genérico.*

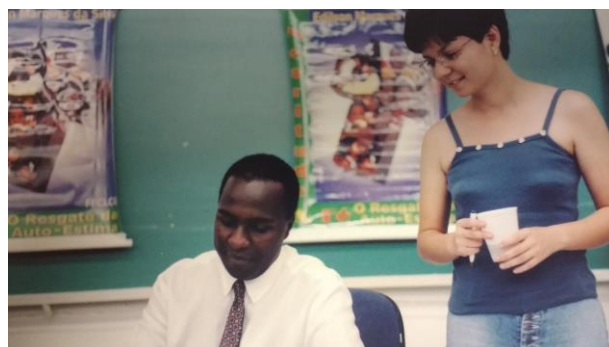
*Essa outra foto, de 95, ainda de cabelo comprido... é a turma da PJ. Isso daqui foi em Aparecida do Norte, foi um Dia Mundial da Juventude... coisa assim — A Romaria Nacional da Juventude. Todo ano a gente fazia, a gente saía daqui de Bauru com um ônibus, dois às vezes. Tinha camiseta, tema do ano, a gente fazia faixa, tinha uma bandeira enorme também...*



*Você me perguntou se tinha fotos da época do curso de RP... Aí eu lembrei — achei na verdade algumas. Isso daqui foi uma atividade da disciplina Técnicas de Relações Públicas I ou II, em 98. A gente organizou o lançamento de um livro do professor Edilson Marques, que tinha vindo da Metodista, foi do DCSO, hoje não está mais. Ele era pastor, mas*

*quando entrou na Unesp, em 97, já não era mais. O livro chamava-se 'Negritude e fé: o resgate da auto-estima' — questão do negro na sociedade, aí nós fizemos essa abertura, começou lá em frente à cantina da FEB, com a roda de capoeira, e fomos para a sala 1. Antes entrava-se apenas por trás do bosque.*

A autoestima é uma questão nuclear na educação, na saúde, da visibilidade social, de gênero, racial e por aí vai — aplica-se de maneira muito determinante na academia também. Quando se expõe a questão da negritude e a sua presença numa IES, podemos a princípio ponderar que o mérito de uma qualificação para o ingresso foi fruto de um esforço, o tal do 'correr atrás' e seguir as regras de um jogo de seletividade rigorosa, punitiva para os que não a acompanham. Para o negro nos anos 1990 uma universidade como a Unesp absorvia apenas esse critério para que ele estivesse lá dentro, quando não se contabilizava sua cultura, suas crenças, sua estrutura emocional — especialmente — sujeita a condição de exploração ou submissão ao privilégio do mais rico — o que engloba demais minorias. Para que se encontrasse a resposta para a questão 'por que praticamente só tem gente branca na universidade pública?', passaram a ser considerados esses critérios. Hoje além do compromisso assumido com as cotas foi criado o NUPE para que insiram na academia a questão do negro na pesquisa e extensão.



Ainda falando sobre o funcionamento de estruturas do campus, comentei da biblioteca, a qual já me disseram ter sido o local antigo de um auditório ou um laboratório...

*A biblioteca aqui do campus ela é improvisada até hoje. Ali era um 'porão', a biblioteca é improvisada num porão aqui no campus, infelizmente...*

*Aqui eu já morava na república da Mara [Oriolo]. Foi eu, a Mara, a Luci, que era de Bebedouro, e o Lego... O Lego quem fez essas fotos. Eu falo Lego mas o nome dele é Ricardo Matsuzawa... Ele é japonês, professor na Anhembí-Morumbi, de cinema. Ele e o Arlindo eram da mesma república. Essa foto é na república do Arlindo...*

— Níquel & Náusea?

— É! — Keila resplandeceu, gargalhou, ficou animada.

— Ele falou disso em aula — lembro que foi na apresentação da disciplina de Linguística que ele deu pra minha turma de jornalismo noturno.

— Ali, atrás da Rodrigues, indo lá perto do Cemitério da Saudade, ali atrás é o Jardim Brasil. A ‘Niquinausea’ era lá!

*Essa foto tirei lá. O Vinícius [Carrasco], o Lego, o Arlindo [Rebechi Jr.] e o Roger [Pascoal] moravam na mesma república.*

*Nessas fotos... Também estava na faculdade. A gente foi fazer um passeio... O Vinícius que fez. É o coreto ali na Rui Barbosa. E aqui é no Calçadão...*

— Era bem mais inteirão... passo por aquele coreto e está tão velhinho...

— Nada! — interrompeu — Isso aqui já era destruído já, detonadão... É que aqui é foto ‘pebê’, né?

— Fica mais bonito.

— Ah, e fica mesmo! — confirmou.  
— O Vinícius na época tinha que fazer o trabalho do Teixeira, de foto, — fez uns *crops* — comentava em relação às diferentes dimensões e enquadramentos da foto do coreto —, buscou uma ambientação diferente...

— Aqui é aquele parquinho do Vitória-Régia não é?

*Sim... do lado tem um parquinho... A foto que está com a Mara e a Luci — Fazia DI, só que ela desistiu e foi fazer pedagogia em Araraquara. É que não achei o restante das fotos mesmo. No final do primeiro ano cortei o cabelo curtinho...*



Os retratos da Keila me faziam lembrar os VJ da extinta MTV Brasil, canal de televisão do Grupo Abril, no final dos anos 90 (Keila gargalhou)... era legal! Uma energia similar àquela que via naquela televisão ligada na antena UHF, com imagem chiando, entre um clipe e outro. Lembrava alguma das que tinham cabelo curto. Imagino que nesses anos em que escrevo este



trabalho literário os Youtubers são os que tem este papel, enquadrados não mais em plano americano, estável, mas em plano médio ou plano próximo se alternando freneticamente e cortes secos no grande plano, no plano detalhe...

— E eu tinha o cabelo aqui — Keila apontava quase na cintura — quando entrei na faculdade, em 1996. Aí no final do primeiro ano cortei curtinho assim...

— Aspiraões feministas?

*Foi a primeira vez na vida que tinha cortado curtinho. Acho que representou essa coisa do ritual de ter entrado numa universidade pública, da emancipação, sair da vida escolar secundária e ter me tornado mesmo estudante universitária. Foi muito engraçado o dia que cortei o cabelo curto desse jeito. Não foi uma coisa planejada, “Eu vou assim, cortar o cabelo assim”... Foi tudo numa forma muito calma. Sempre ia no mesmo cabeleireiro. No segundo semestre de 96, no primeiro ano — lembro que estava pra entrar na aula de sociologia da comunicação nos blocos da FEB... Cheguei e falei: “fato não é meio? quero cortar bem curto”...*

Não havia a central de salas da FAAC ainda nesta época, nada das salas 60, 70, 80, anfiteatro, aqueles corredores estreitos que leva aos novos DAUP, DD, DARG, DCHU, e quem sabe o futuro DCSO. Havia o Guilhermão, com seus eventos e formaturas. Naquela Unesp Bauru que nem fazia uma década de encampamento na UB é de se perceber que as três faculdades tinham um fluxo estudantil mais próximo. Aliás nestes lados do campus muitas histórias devem ter ficado mato adentro... Não havia o bosque com palco ainda. Apesar disso devia ser mais fácil veicular a mensagem de eventos como os do Projeto Perspectiva, de 1994; a roda de capoeira do professor Edilson; as intervenções do CPC... este último caso fica para o livro 6.

## Prioridades: entre o trabalho e estudo

Keila tornou a falar da reportagem do DB com uma pergunta retórica:

*Porque trouxe essa reportagem? Tudo isso está muito ligado ao fato de ter escolhido um curso na área de comunicação. Tinha essa vida comunitária ativa desde meus 9 anos de idade. E aí você me fez recordar as vezes que eu trocava umas ideias com a Mara e lembrei porque que não fui tão participativa no CACOFF, embora eu tenha visto muitas coisas de perto com a Mara, porque aos finais de semana eu era muito empenhada nesses projetos do pré-vestibular da PJ e outros projetos que a gente tinha.*

*Fui vice-coordenadora da comissão diocesana em Bauru, junto com uma turma, e trabalhava oito horas por dia no comércio. Aí não fiz parte da chapa do CACOFF. Lembro até eu falando pra Mara: “ai, eu tenho essas prioridades já assumidas”... Eu apoiava minhas colegas próximas: ela [Mara], a Andréa [Acácio] de Americana também... Mas tenho um perfil de que se assumo uma coisa eu quero estar de corpo e alma ali, inteira, e aí no meu caso não tinha tempo físico pra estar aqui, por exemplo, de manhã e à tarde. Entrava às oito da manhã e saía às seis da tarde, fazia estágio numa rede de farmácias aqui em Bauru. Não me sentia à vontade de assumir. As reuniões do CACOFF sempre aconteciam fora do horário de aula.*

*Hoje na Pedagogia discutimos uma coisa diferente: de fazer os momentos coletivos das 19h às 21h, ou ds 21h às 23h, que é dentro do horário que o aluno de Pedagogia pode estar na faculdade. Então o que sentia muito na época da primeira faculdade era uma vontade extrema de participar, só que a realidade da universidade não se adaptava a minha vida de trabalhadora e estudante.*

*No meu primeiro ano de faculdade estava no quarto ano do Cefam. O Cefam foi um projeto que a gente entrava às 7h da manhã e saía às 5h20 da tarde. Almoçava na escola, tudo. Aí a partir do segundo ano da faculdade comecei a trabalhar no comércio. Como ia participar efetivamente, do jeito que eu gosto. Sou muito responsável, se eu assumo to ali, começo, meio e fim. Como ia participar se tinha que ter esse horário extra sala de aula, no horário comercial? Então chocavam as agendas. Não é que eu não tinha interesse, pelo contrário, tinha muito. Mas a realidade da universidade não é pra quem trabalha, principalmente quem faz curso noturno e precisa trabalhar. Então ficava no apoio.*

*Como morava na república da Mara ficava apoiando, trocando ideias. Aí vi a coisa ser fundada. A Mara teve bastante destaque nisso porque ela foi muito engajada, ela liderou, era bolsista da Maria Antônia e depois do Clodoaldo, então ela tinha mais tempo pra conciliar as atividades fora do horário de aula. E é interessante o exemplo da Mara porque demonstra a vida acadêmica plena que todo universitário deveria ou poderia ter direito. Porém, pela necessidade de trabalhar a maioria não pode tê-la. Você não ficar simplesmente só na sala de aula, ouvindo os professores ou fazendo prova e trabalho. É você participar dos órgãos colegiados, de um CA, das horas de lazer da universidade, com outros colegas. É isso que não pude fazer na primeira graduação. E aos finais de semana eu trabalhava na PJ, atuava na PJ.*

*Quem fez a matéria foi o Saulo Adriano [dos Santos], que era um repórter formado aqui na Unesp. Um profissional muito bom, tive vários contatos com ele. Hoje nem sei mais onde ele está, preciso procurar ele no Face... Mas ele atuou muitos anos no Diário de Bauru. Era ali perto do Colégio Objetivo o jornal.*

## A formação pela PJ e o Cefam

*Minha base de formação política e pensamento crítico tem dois responsáveis: a PJ, que foi, na época em que eu participei e na geração anterior a minha, totalmente influenciada pela corrente da Teologia de Libertação dentro da Igreja Católica. Leonardo Boff, Frei Betto, toda essa galera, que teve um papel fundamental na igreja em relação à resistência à ditadura militar, e esses valores foram passados pra gente. Eu peguei o finzinho desse movimento. Na PJ conheci a Juventude Operária, a Pastoral do Negro<sup>34</sup>, a Pastoral da Terra.*

*E também tem outro responsável: estudei numa escola chamada Cefam, foram quatro anos. A gente prestava um vestibulinho pra entrar ali e você saía com a formação de segundo grau — na época, não se falava ensino médio — e saía também com a habilitação pro magistério: educação infantil e anos iniciais do fundamental I.*

*E lá no Cefam foi a melhor escola da minha vida, porque, inclusive, quando eu entrei na Unesp, no primeiro ano do curso de RP tudo que os professores me ensinaram aqui, de Filosofia e Sociologia, eu já havia estudado no Cefam, mesmo sendo de nível secundário. Não foi novidade pra mim quando eu entrei na faculdade essa parte do núcleo-base de ciências humanas. Mas claro que tudo sempre acrescenta, você sempre amplia as discussões. Lá no Cefam a gente entrava às 7h da manhã e saía às 5h20 da tarde. De manhã, todos os dias, eram aula, e à tarde eram projetos e estágio. E nos projetos a gente misturava primeiro ano com segundo, terceiro e quarto ano, sabe, não tinha uma sala assim, homogênea, misturava tudo.*

*O Cefam era um projeto muito diferenciado de educação pública no Brasil, no Estado de SP principalmente. Fez muita diferença, tanto que até hoje, 2017, você conversa com pessoas que são da área da educação, e eles comentam que é diferente trabalhar com profissionais que foram alunos do Cefam, pelo pensamento crítico, por uma série de outras coisas. E lá no Cefam, quando a gente passava no vestibulinho você recebia uma bolsa de estudos pra se manter em tempo integral na escola, e não podia faltar, não podia tirar nota vermelha... toda uma série de exigências, não podia chegar atrasada, não podia ficar saindo mais cedo.*

*Foi lá que aprendi a falar, a me expressar. Porque na escola tradicional, comum, pública eu era uma aluna que entrava muda e saía calada. No Cefam não, o Cefam que abriu meus horizontes, minha mente, minha cabeça, né? E no Cefam a gente fazia muito trabalho coletivo. A gente tinha até um projeto na favela São Manoel. A gente tinha uma professora muito empenhada de metodologia de estudos sociais — a professora Maria Antonieta — que inclusive na Ditadura Militar ela e o marido foram pessoas perseguidas. Ela é formada em história, e, todos os anos na escola ela organizava viagens de estudos. Então nós fomos passar uma semana estudando a parte histórica de São Paulo, fomos pro Rio de Janeiro, fomos pra cidades históricas em MG.*

*Pra mim, que era uma jovem adolescente da periferia, morava lá no Gasparini, não tinha acesso a quase nada de cultura, de bens culturais, capital cultural, o Cefam pra mim significou e significa muitas coisas, em termos de cultura, educação, de várias coisas. De conteúdo de vida mesmo.*

O Cefam foi elaborado pelo MEC junto às secretarias estaduais de educação, em 1982, e implantado em 1983, com 55 unidades em seis estados brasileiros, e posteriormente em 1987 com mais 120 unidades em outros nove estados, conforme os projetos de expansão. No caso de SP, que abrigou 88 destas, ele teve início a partir de decreto do governador Orestes Quécia em

1988, mesmo ano do encampamento da UB. Seu objetivo não só foi de qualificar professores para o magistério de primeiro grau — algo que era legalmente previsto na LDB/71 — como também foi o de estabelecer uma formalização acadêmica que se aproximava da *école normale*<sup>35</sup>, de caráter essencialmente mais unitário, crítico e contextualizado, com a articulação entre disciplinas, colaboração junto às universidades (já foi dito no segundo volume sobre a mutualidade entre a Unesp e a FATEC existente até na articulação do DCE-HR), aplicação experimental dos diversos métodos pedagógicos, além de tantos aspectos que o depoimento da pedagoga/relações públicas colocou. Porém muito da infraestrutura de rede pública externa ao projeto do Cefam não foi aproveitada com as egressas professoras formadas. Para que isso acontecesse coube a um convênio com a PUC-SP o estabelecimento do currículo e das diretrizes.

A LDB/96 acabou por determinar que a formação de docentes para o ensino infantil e fundamental da 1ª a 4ª séries se caracteriza como papel das IES, pela licenciatura em Pedagogia, dando ao Cefam e outros projetos de formação do magistério pedagógico suas graduais extinções. Em seu lugar existem os Institutos Superiores de Educação e as Escolas Normais Superiores. O governo de SP vários anos depois reformou os prédios desativados para a implantação das ETEC e FATEC. Há inclusive a possibilidade da implantação de um IFSP<sup>36</sup>.

— Então seu saber político, de cidadania, não veio necessariamente de dentro da Unesp...

*Não necessariamente. Eu passei nos dois vestibulares da Unesp sem fazer cursinho. Nunca fiz na vida. Quando fundamos o Projeto Pró-Vestibular em Bauru já estava no meu primeiro ano da faculdade mas já tinha entrado em Artes no ano anterior. Devo tudo isso ao CEFAM, porque foi a escola que me preparou pra vida. E eu sempre gostei de estudar também.*

*Tenho dificuldades na área de exatas, porque minha tendência sempre foi pra humanas, mas enfim, passei no vestibular sem cursinho mas pela base que a escola pública me deu, que o CEFAM me deu. Eu tinha professores muito bons no CEFAM, muito. E a gente lia muito, era obrigado a ler, mas eu sempre gostei de ler mesmo...*

*Enfim, é que na universidade a gente amplia horizontes, claro. É papel da universidade fazer isso. A gente amplia as relações sociais, as amizades. Considero que quando entrei aqui já tinha uma vida comunitária ativa, uma certa conscientização política, da minha condição, de quem eu era, da importância da minha interferência no meio social pra modificar, pra melhorar...*

• • •

No terceiro ano mudei de turno, do noturno para o diurno. Razão: pouco entrosamento com a turma. Minha vida na Risca era em torno do pessoal de jornalismo diurno, quer dizer, o pessoal que morava na casa a frequentava. Você tenta ter proximidade com pessoas que lhe sejam interessantes, que tenham algo em comum, pautas inclusive. Até consegue, mas sente que não pode contar com elas em certo ponto. Mas no fundo esse é um problema social: sem algum trunfo, seja material ou de afinidade, seja capital econômico ou cultural, sente-se que o

melhor é cuidar de sua vida. Internalizar o problema então é pior: são crises que, no meu caso, foram fortes em alguns momentos, fracas em outros. Enfim: a sala de aula em sua disposição e relações sociais já era um ambiente estupidamente desgastante pra mim. A vivência em repúblicas é muito mais agregadora, seja para o estudo, seja para música, para confraternizar de maneira mais profunda.

— Não encana, Ninjão — era o que dizia o Fiuk, que morava na Tripa-Seca, república que montou com o Fernando, o Sólon, o Piru, o Mimi e o Miséria — primeiro na rua Manuel Pereira Rolla, mas que passou por um incêndio misterioso durante as férias. Problema sanado passaram o resto de suas graduações refundando a morada na Rua Antônio Garcia.

Desgastes vem aos montes quando a tensão não se conversa abertamente. E o jovem que folheia este memorial pode até externar ou ouvir alguém pra ajudar, mas pouco adianta se não se chega ao núcleo da crise, o qual muitas vezes não é sua atitude errônea ou a briga com um outro... Longe disso. Quando o assunto é sobre educação em um ambiente sistemicamente privilegiado o qual nem todos tem acesso, ou não se sente representado — sendo que este ambiente sofre com um sucateamento onde cada vez mais nos aproximamos do estado de falência do ensino fundamental e médio públicos — menos ainda é preciso se preocupar com suas falhas.

Simultaneamente, o ano de 2013 começou numa órbita totalmente fora de quase tudo que vivi, porém, uma órbita que devia estar tão naturalmente presente na vida de todos os leitores quanto arroz e feijão, futebol, novela, temas apropriados pela mídia hegemônica, um celular e os oráculos virtuais que sabem quase tudo sobre nossas vidas. A sexta edição do EIV-SP me chamou a atenção para uma simples descoberta de outras óticas: Não se vive política no interior com qualquer forma de entendimento da realidade da população rural — há quem se interessasse em ir nas feiras da Abag divulgadas pela ACI-FAAC ou por algum representante que desse aquela interrompida numa aula — descobre-se muita coisa bacana sobre setor primário, maquinário, alimentos orgânicos... enche-se a cara com alguma festa, escreve-se um texto crítico ao agrobusiness. Quem sabe não vira um excelente jornalista na área... e se vê reduzido nas pautas ao terreno do latifundiário.

Estavam lá reunidos alguns conhecidos do acampamento do Levante, com exceção da Lira, uma das suas lideranças, estudante da FFLCH, que até encostou por um dia em Bauru no ano anterior para a realização de oficinas nos campi da FOB/USP e na Unesp — sendo que neste último caso vi a única ação direta no interior do campus — um muralismo em defesa da permanência estudantil no corredor das salas 70<sup>37</sup> — que não precisou de qualquer forma de burocracia e rodeios durante toda minha graduação, e teve sua efetividade.

Nos reunimos na sala do Caco. Miau apresentou Lira; ela fez uma explicação rápida sobre o muralismo com uns slides no notebook, um pouco de Rivera, e mais uns exemplos de mobilizações com esta arte pelo mundo.

— Pois bem: Não vou conhecer muito da realidade de vocês, então quero fazer um *brainstorm* das pautas que vocês mais reivindicam.

Haviam problemas recorrentes como tetos de salas que desabam ou dão em infiltração; salas 40 e 50 feitas provisoriamente de amianto, material proibido internacionalmente, desde a UB; problemas de acessibilidade para cadeirantes; problemas infraestruturais que com os anos tiveram até algum progresso. Mas naquela época eram os últimos anos sem RU e moradia estudantil e essas pautas foram unanimidade entre os presentes.

— Certo... então desenhamos esses rostos, essa casa, essa mensagem... — Lira rascunhou um desenho conforme tiramos ideias. Não à toa havia potes de tinta sendo misturadas com corante líquido. — Então essa é a mensagem! Bora!

Da sala do CACOFF partimos em grupo sólido. Deviam estar juntos a Aline, Miguelito, Glenda, a Maitê, o Piru, o Solon, a Keyty — galera que orbitava diretamente a chapa do CACOFF na época — acho que se chamava ‘Refazenda’—, o Pixe e a Gina que acompanhavam estrategicamente a *scène* jornalística. Local, corredor das salas 70, esquina com o corredor central, bem à direita da porta da sala 71. Eu mesmo e uma galera tínhamos a obrigação da aula naquele horário. Lembro que os conteúdos sobre diagramação a estudar — como tudo que se gosta de estudar — eram interessantes mas palavra da professora substituta pouco contribuía. O evento chamou a atenção de curiosos. Lira foi desenhando com um giz de cera os contornos; logo depois quem colou junto foi pintando — lembro de olhos afinadíssimos e dedicados do Solon durante a pintura.

O mural feito tratava da questão da moradia que estava no término das obras e não teve verba utilizada pelo campus, que devolveu a verba à reitoria, uma decisão marcadamente austera. O campus previa 64 vagas iniciais em dois blocos mas reduziu para somente um bloco de 32. Tinha escrita a mensagem

## **Moradia não é esmola é direito**

O mural durou até 2016. Foi apagado sorrateiramente num período de férias. Já havia RU, já havia moradia. Mas as demandas por um atendimento proporcional a comunidade do campus foram apagadas.

O Miau, que articulou o acontecimento deste mural, articulou em 2013 a minha participação no 6º EIV. Trouxe junto ao processo o Miguelito e a Sophia, da Psicologia. A organização partiu de uma combinação de MS (inclusive o MST e MAB) Associações, Executivas, Federações, Centros Acadêmicos e Coletivos da USP, Unicamp, PUCCamp, UFSCar, UFMG, bem como seus órgãos articulados, e o CACOFF (escrito a caneta na capa das apostilas após a impressão); os estagiários, graduandos da Biologia, Direito, Psicologia, Ciências Sociais, Jornalismo, Gestão de Políticas Públicas, Agronomia e a essencial Agroecologia. Muito disto teve como articulador o Levante e suas estratégias de frentes. O EIV, por assim dizer, passou a ser organizado pelo Levante, sendo que os MS do campo se diluíram no interior de sua organização, sem perder sua importância.

Desde as catracas da Barra Funda havia sido guiado pela Bia, da ESALQ, e a Sophia; a viagem de bus — onde foram se reunindo outros estagiários conforme as paradas na Castello e em Sorocaba — foi até um retorno em meio a estrada na altura do município de Itaberá, passando pela Unesp Itapeva, em direção à Itararé. O local dos exercícios foi o Instituto de Capacitação e Pesquisa Agroecológica ‘Laudenor de Souza’, projeto financiado pelo INCRA para o conhecimento da vivência agrária. Há também estágios mais complexos com duração maior aos graduandos da Agroecologia e Agronomia sob projeto de extensão rural e neles estava uma boa parte do saber transmitido entre os formadores do movimento campestre.

Se havia uma diferença em relação a um acampamento do Levante era um maior intimismo, uma quantidade menor e mais seleta de estudantes. A intensidade dos atos então, é maior, elucidativa. As primeiras conversas foram, antes, uma recepção aos estagiários pela Rádio Camponesa, 96.7, uma rádio dos assentados do MST na região. A notícia era literalmente a organização do 6º EIV. Alguns formadores e estagiários foram entrevistados no estúdio. Ao mesmo tempo foram sendo construídos o Plano Político Pedagógico e os *Núcleos de Base* do estágio, entre uma *mística* e outra. A *mística* era uma atividade lúdica, que pode ser uma intervenção musical, cênica, poética, de jogral (essa atividade banalizada nas manifestações em que pessoas repetem coletivamente a fala de um ou uma líder de maneira a amplificar os discursos — bom substituto dos megafones, bacana porém maçante para os intelectuais mais frios, menos sonhadores ou mais arrogantes) com uma, duas, cinco, vinte, cem pessoas. Pedagógica e estrategicamente útil, bom para o lazer, o amor, humor, a informação, a mediação e a distração, nem tanto para vida prática. Os *Núcleos de Base* foram, por alguma seleção aleatória, grupos que deveriam andar juntos por todo o estágio. Cada núcleo reuniu ideias de uma maneira parecida com a intervenção do mural, só que elaborando uma mensagem nos sagrados papéis craft — quase uma matéria-prima dos MS. Meu Núcleo chamou-se ‘Sopro’, por algum simbolismo de diversidade e liberdade, personificado nas sementes de um dente-de-leão. Outros grupos, que já continham gente mais cascuda com os modelos propostos, criaram até seus hinos, parodiados nas músicas cheias de brasilidade... na forma da *mística*.

Depois de uma *alvorada* (atividade que precede o *despertar*, atividade prevista numa escala para cada Núcleo), que atrasou um pouquinho — os formadores eram organizados, foi a única — a primeira dinâmica, sobre economia política.

**Os funcionários não funcionam.**

**Os políticos falam mas não dizem.**

**Os votantes votam mas não escolhem.**

**Os meios de informação desinformam.**

**Os centros de ensino ensinam a ignorar.**

**Os juízes condenam as vítimas.**

**Os militares estão em guerra contra seus compatriotas.**

**Os policiais não combatem os crimes, porque estão ocupados cometendo-os.**

**As bancarrota são socializadas, os lucros são privatizados.**

**O dinheiro é mais livre que as pessoas.**

**As pessoas estão a serviço das coisas<sup>38</sup>.**

A atividade introduzia o período de *preparação*, que consistia em organizar os estagiários através das concepções da economia, do gênero, da questão racial, da identidade latino-americana, das questões energética e agrária.

Tomava-se o café forte, faziam-se as rodas e debates, vinha o almoço com opções vegetarianas, *místicas* e pequenas oficinas nos intervalos. A noite, reuniões com os Núcleos, alguma palestra, ou a *cultural* um nome do nicho onde estava envolvido dado para uma festa, misturando místicas, arte, pinga e fogueira. No ‘matão’, mesmo em fim de verão, faz um friozinho incisivo, causado pelo sereno da noite e da manhã. Locais bem arborizados como um campus universitário normalmente também passam por essa friaca. Um estudante noturno da Unesp Bauru percebe isso ao sair da aula quase às 23 horas, pegar uma fila de carona e partir

até o residencial Camélias ou cruzar a Nações Unidas num fim de outono ou no meio do inverno — subindo do Mundo Perdido até o aconchego da república Risca-Faca era do arrepio ao mormaço, salvo pelas correntes de ar frio e cortante que lembram a ideia de um deserto à noite.

Certa noite, no galpão onde se realizavam as *místicas* e refeições bem a toa estava, tirando onda com uma bola meio murcha. A Bia me viu ali distraído e deu o bote: sou bem ruinzinho... mas deu pra recuperar a posse. Bia tentou apertar a marcação, então arqueei os braços, protegi a bola, dei o giro. Saí rindo. Dei aquela relaxada soberba, comecei a andar com a bola, desfiz a envergadura. Passei a bola de volta pra ela.

—Vamos lá, sua vez.

— Que?! Assim está sendo machista.

— Mas...

— Você está dando a bola pra mim porque está duvidando da minha capacidade! Só por ser mulher! Fica você com a bola.

Foi embora. Não brava, mas como quem tivesse me passado uma lição pedagógica sobre gênero. Afinal uma mulher cujas capacidades são rebaixadas apenas por ser mulher acaba por ser invisibilizada, subalterna. Observemos essa questão se inserida em equidade nas relações trabalhistas, como na comparação dos salários, ou mesmo na relação doméstica — esforços braçais que não cabem a um homem que, sendo modesto, está em uma zona de conforto e privilégio, tendo ganhos em tarefas remuneradas e exercendo poder sobre a mulher, submissa, forçada a uma condição de controle e julgo de seu papel social. A igualdade de gênero, oras, exige que haja mais respeito e igualdade de oportunidade.

Isto foi um pouco do que captei sobre feminismo na ótica marxista. Fui até a fogueira, sentei e Compartilhei o ocorrido com ares de esclarecido (leia-se o famoso estereótipo do ‘homem-feminista-desconstruído’ dando futuros passos em direção a novos enganos) com outros colegas estagiários. Nada como abrir a mente, mirar as estrelas, tentar entender as constelações — naquela região o céu é absurdamente mais estrelado que o céu da capital, estupidamente poluído — quanto menos industrializada uma cidade, mais estrelas, quase se enxerga um “pó estelar” — e assim, contemplar o arder do fogo...

**Na fogueira  
daquela fábrica  
Onde arderam  
as meninas.**

**Nas fogueiras  
destas fábricas  
onde ardem, ainda,  
as herdeiras destas sina.**

**Na fogueira  
onde queimaram  
Nossos sonhos,  
tuas cinzas.**

**Nas fogueiras queimam**

**ainda  
nossos sonhos,  
tuas cinzas.**

**Na fogueira  
preconceitos  
invisíveis  
Queimam ainda.**

**Nas fogueiras  
as meninas  
Pernas nuas  
pelas ruas.**

**No fogo  
em teu rosto  
Feito brasa  
e hematoma.**

**Na fogueira  
de teu sexo  
Que vestes  
quando nua.**

**Das fogueiras  
onde queima  
Tanta fúria  
assassina.  
Deste fogo  
prometemos,  
libertaremos  
os teus sonhos  
nossas filhas.**

**Este fogo  
não se esquece:  
Nos aquece  
nos anima.<sup>39</sup>**

Sempre tive dificuldade para estabelecer uma posição e afirmá-la sem parecer um valor de oposição ao meu ouvinte militante. Aliás fico muito feliz com os raros ouvintes da minha forma de pensar, pois ir a uma assembléia falar ao público e inflamar discursos nunca foi meu tom, simplesmente por ter um pé atrás a toda certeza com ar de unanimidade.

Por exemplo, minha forma de interpretar a questão racial. Ver o Danilo, único rapaz preto da sua turma da FDUSP, ativo pelo Levante, ou o Philipe, lá da UFSCar de Araras, nome com simbologia linguística do português latinizado do início do Século XX, branco com feição negra. Em um caso a opressão do sistema acadêmico em termos de capital cultural, econômico,

a lei que sistematiza a segregação e o racismo sendo combatida pela militância, o local de fala propondo soluções que nunca foram incluídas no modelo brasileiro da pesquisa. Do outro, elementos socioculturais e críticos da mestiçagem, o embranquecimento e a construção de uma ideia de subalternização do brasileiro, do privilégio branco (que o diga outros aspectos que envolvam o gênero, a religião a opção sexual a origem...) à exclusão do negro, quanto mais escuro o tom de pele. Meu olhar para a questão racial recai mais para este segundo caso.

Quando fui fazer graduação em BCC na Unifesp, entrei pelo sistema de cotas do vestibular da Vunesp. Quando fui comprovar a documentação, devia obter comprovação do cor de pele. Na época fui ao IIRGD (Instituto de Identificação Ricardo Gumbleton Daunt), na região da Luz, em São Paulo, solicitar este documento. Ao retirá-lo, lá estavam os dados conforme constam na época em que fiz meu primeiro RG, quando tinha doze anos. A descrição dizia, bem na última palavra, em caixa alta, que minha cor era

## **Branca.**

Compareci solicitando a correção, de acordo com o espectro de autodeclaração legalmente estabelecido no país, para PARDA. Depois de receber o documento corrigido havia a mesma descrição dizendo que tinha as cores BRANCA e PARDA. Existe aí uma ideia do que chamamos racismo institucional. Assim mesmo, se a SSP/SP forçava a negação da negritude, eu assim também o fazia, num grau diferente, por assumir naturalmente que tinha cor de um tipo de papel, ou que era um branco “sem valor”, bronzeado, moreno mais pra claro, mameluco, mulato, cafuzo, caboclo, Jiguê que se banhou depois de Macunaíma no Sumé<sup>40</sup> — a consciência da negritude demoraria mais para vir. Mas até ali a consideração que me fazia sentido era de ser mistura de branco ou índio com negro. Mestiço. Esta é ainda a forma a qual me autodeclaro, a consciênciájá veio e virá diversas vezes na vida. mas o fato é que a riqueza da miscigenação brasileira vai muito longe.

Porém podemos amplificar a ideia em torno do que é miscigenação: por genótipo somos todos homo sapiens, ponto. A ‘mistura’ em questão na verdade envolve, por exemplo, capital cultural, que é o caso de se ter a influência mais sistêmica, mas de não ter o *imó* da desvalorização das culturas negras. Também podemos dizer que é uma questão literalmente fenotípica — a cor resultante — tenho parentes e ascendentes brancos mas isso não significa nada na hora de se fazer um julgamento — o racismo não é contra seus valores, é com a cor. Se na sociedade machista, para as mulheres ocorre a subalternidade por serem mulheres, imagine se ela também for negra? Observemos o grau de oportunidade econômica, a ocupação territorial, o grau de rigor na aplicação da lei, que pessoas sofrem esculachos sem critério. Observemos o emissor, o transmissor, o receptor dos atos. A crise está em questionar um trato desumano, pois o potencial daquilo que lhe diz ser humano não é explorado, é invisibilizado... No Brasil, a raiz histórica do racismo é colonialista, escravocrata, a construção de uma zona de conforto para brancos. Pra elucidar e resumir, tome um diagrama de Venn que aprendemos na aula de matemática: vão estar inscritas muitas lutas de minoria dentro do conjunto da questão racial — esta inserida na humanidade. Quanto mais destes elementos estiverem contidos, maior é seu protagonismo na mudança.

Só pra dizer daquela minha dificuldade de se estabelecer uma posição, sei que até despertar a consciência da negritude o corpo, os saberes, as diversões, a mídia, os gostos, as metas, as referências etc eram quase sempre brancas, ocidentais. Só a partir daí é que o valor

merecido passa a ter sua chance. Sei, então, que tenho em mim aquilo que é branco, seja forçado ou não mas devo construir aquilo que me pertence, que me identifica, o que é negro. Sério, é como aquele conto de fadas do patinho feio. Não corto mais meu cabelo simples, na máquina 4, tento jogar capoeira... Que venham mais outros passos neste processo de *ubuntu*<sup>41</sup>, de reparações para a construção de uma identidade brasileira verdadeira, por assim dizer. E que tudo isso se torne parte de um conjunto voltado a nosso genótipo, de ser humano... mas calma, uma coisa de cada vez. Enquanto isso, manifestemos nossas descobertas sobre os orixás, nosso lado mais criativo.

**“Por menos que conte a História,  
Não te esqueço meu povo  
Se Palmares não vive mais,  
Faremos Palmares de novo!”**



Faz um samba! Um *soul* à brasileira, uma roda de capoeira no bosque!

Sobre o EIV: Havia muitos aspectos para se colocar no racismo, mas a discussão ficou em torno do aspecto acadêmico: uma conversa na *cultural* ou um debate para exercitar os temas da *preparação* foram importantes pra tirar uma concepção sobre a lei de cotas na universidade pública — que em 2013 tinha início de sua aplicação em metade das universidades federais<sup>42</sup>, e o estatuto da igualdade racial. Pedagogicamente falando as ideias aqui escritas bem se aplicam, mas vale também salientar que o nível de exclusão racial na academia está entre os mais extremos do mundo. E ainda surgem pequenas insurreições de professores questionando o sistema de cotas... Bom é que os casos de fraude e racismo na universidades públicas estão em grande parte sendo resolvidos diretamente dentro de suas autarquias, especialmente com a orientação normativa nº3/2016 do governo federal via ministério do planejamento que passou a criar comissões (provisórias ou não) nos concursos públicos federais<sup>43</sup>. O problema está no choque entre a identidade étnica, que é definida pela autodeclaração, e a metodologia destas comissões, que analisam os candidatos a partir do fenótipo. A urgência das ações antifraude ocorre principalmente para os cursos mais concorridos e de maior investimento, como a Medicina.

No quarto dia, Louise, gaúcha e dirigente do MAB, explicou sobre o movimento e suas causas. A legislação sobre a água — que me remete aos acordos da ECO-92 (Conferência Mundial sobre o Meio Ambiente, realizada em 1992 no Rio de Janeiro) e um histórico de mercantilização — vide o caso da Guerra da água na Bolívia<sup>44</sup> e de especulações em torno do Aquífero Guarani, que abrange Argentina, Paraguai, Uruguai e oito estados brasileiros.

Sendo sucinto, menos estatístico e um pouquinho mais escritor, conto que também foi feito um trabalho mais analítico em torno da desconstrução de mitos sobre a energia elétrica, comprovando como ela é concentrada para o uso industrial e comercial, tendo o uso residencial um papel e importância muito menor — empregos gerados pela indústria tem um aproveitamento pífio se comparar com a quantidade de energia gasta; como as empresas que fazem acordos de subsídio com as concessionárias — produtos da privatização como a Bandeirante, AES, Elektro e CPFL são exemplos paulistas — pagam bem menos pelo consumo do kilowatt em comparação com o consumidor residencial, popular, periférico, que paga uma tarifa extremamente inflacionada, na prática para saldar a energia vendida ao gosto destes

acordos, bem como é quem paga pelos racionamentos de água e os encargos punitivos através do subterfúgio da ameaça da seca<sup>45</sup>; como a construção, consórcios, investimentos empresariais em torno das barragens são financiadas pelo BNDES e construídas sem qualquer avaliação ou mitigação na violação dos direitos humanos — de viabilidade econômica e socioambiental, das populações locais — seja rural, de comunidade indígena ou quilombola Brasil afora — descaso gerador de violações de dimensão internacional<sup>46</sup>.

**As pulgas sonham com comprar um cão, e os ninguéns com deixar a pobreza, que em algum dia mágico a sorte chova de repente, que chova a boa sorte a cântaros; mas a boa sorte não chove ontem, nem hoje, nem amanhã, nem nunca, nem uma chuvinha cai do céu da boa sorte, por mais que os ninguéns a chamem e mesmo que a mão esquerda coce, ou se levantem com o pé direito, ou comecem o ano mudando de vassoura.**

**Os ninguéns: os filhos de ninguém, os donos de nada.**

**Os ninguéns: os nenhuns, correndo soltos, morrendo a vida, fodidos e mal pagos:**

**Que não são, embora sejam.**

**Que não falam idiomas, falam dialetos.**

**Que não praticam religiões, praticam superstições.**

**Que não fazem arte, fazem artesanato.**

**Que não são seres humanos, são recursos humanos.**

**Que não tem cultura, têm folclore.**

**Que não têm cara, têm braços.**

**Que não têm nome, têm número.**

**Que não aparecem na história universal, aparecem nas páginas policiais da imprensa local.**

**Os ninguéns, que custam menos do que a bala que os mata.<sup>47</sup>**

Por fim, A questão agrária. As leituras de João Pedro Stédile e as referências sobre Darcy Ribeiro, para ir além da abundância de terras que vão até o horizonte, vista das estradas. Em São Paulo se vê a cana, o eucalipto, os pés de café e laranja, enfileirados.

Se o leitor não viveu a realidade e os contextos da população rural, é interessante que te entretenhas além dos livros de Geografia, de Política, Ciências Sociais, História. Tomamos ciência do problema mas não conhecemos muito da realidade prática. É um tema tema tão grandioso em detalhes quanto a dimensão em hectares das propriedades concentradas de terra. Um bom início poderia ser através das produções saídas do CPC e da UNE Volante nos anos 1960, uma das referências em se tratando das primeiras produções que debatiam esta realidade<sup>48</sup>. O fato é que por mais de 400 anos o Brasil esteve sobre um modelo submisso, colonialista.

O MST busca por base a Reforma Agrária tendo como ação principal a criação de assentamentos em latifúndios com área improdutiva. Fernanda foi a militante que apresentou o painel para os estagiários.

Valemos de uma boa leitura entre os *núcleos*. O normal era fazer o ditado de trechos, um por vez. Resumo aqui o que é um dos vários processos de desenvolvimento da elucidação em torno da preparação. A leitura tratava da evolução da questão agrária em torno da posse, da

propriedade e do uso da terra, com base no livro *O escravismo colonial* de Jacob Gorender, por sua vez um livro com bastante referência em Darcy Ribeiro e seu livro *O povo brasileiro*.

Aliás a leitura — e que o diga a série documental<sup>49</sup> —, tão detalhada em conceber o fenômeno da formação do nosso povo, desde “a ilha Brasil”, onde havia a “humanidade indígena”, “os *brasis*, nossos antepassados indígenas”, “cuja finalidade de suas vidas era viver”, é uma ótima referência pra entender quem somos nós. Conhecia desde o Cursinho Comunitário Pimentas, e foi um facilitador naquele processo de formação tão forte. Em termos de realidade prática, era uma diversidade de tribos que eram “unidades sociais distintas, autossuficientes” e até “com suas próprias referências” as quais o colonizador posteriormente fez uso.

Com a colonização, é introduzido o modelo do *plantation*, das grandes fazendas, da produção para a exportação à coroa portuguesa e da mão-de-obra escrava indígena e negra. Por parte de Portugal havia o monopólio das terras, posteriormente é estimulado ao poder mercantil — os tais capitães-donatários — a concessão do uso de terras pela colônia com direito a herança — as capitanias hereditárias, que não demoraram a ser chamados de governos gerais. Independente disto havia um privilégio instituído.

Durante a fase do império, a pressão da *Bill Aberdeen* dos ingleses levou ao Senado, especificamente Eusébio de Queirós, também ministro da justiça a sanção de lei conhecida pelo seu próprio nome, no mês de setembro de 1850, obrigando o fim do tráfico negreiro e tornando iminente a abolição da escravatura. Infelizmente, além da transição lenta e gradual — sim, o filme não é tão inédito assim — da liberdade do povo negro pela abolição da escravatura, no mesmo mês de setembro é criada a Lei de Terras, que tinha como fim a normatização da propriedade privada das terras. Através da compra da terra mediante pagamento à coroa, algum intitulado nobre pode fazer de sua concessão de uso da terra uma propriedade privada. A lei visou impedir que os futuros ex-escravos negros se tornassem camponeses donos de sua própria terra. Por consequência configura-se o latifúndio no Brasil: revoltas populares (Maranhão, Cabanagem, Sabinada, Malês), organização dos já longínquos quilombos e do movimento abolicionista (ou caifazes) buscam a amenização da exclusão mas, não obstante leis como as do Sexagenário ou do Ventre-Livre, ainda havia a discussão em torno da indenização aos proprietários dos escravos. A grande propriedade então já era privilégio que pouco mudou de mãos, afinal a terra pertencia ao que detinham poder financeiro.

A partir da Lei Áurea e do início da República temos a migração da população negra, para ser força de trabalho nas regiões portuárias. Por causa da lei de terras, sem acesso a posse de terra, restou construir suas moradas nos piores terrenos, íngremes, nos morros, ou nos manguezais. Desta marginalização dá-se início à formação das favelas. O modelo do *plantation*, agroexportador e estimulante à economia da escravidão, entrava em decadência.

A migração européia (excluída pelos avanços da Revolução Industrial, especialmente na Itália, Alemanha e Espanha) e japonesa (por consequências da *restauração Meiji* e o projeto de modernização industrial em um Japão superpovoado, como o confisco de terras, endividamento e miséria) de camponeses para o Brasil — depois de uma intensa propaganda de promessa do eldorado — foi a solução para encontrar substitutos para a mão-de-obra escrava, coincidente em número. Para os migrantes do Sul havia o recebimento de terras devolutas (sem destinação pelo poder público e sem propriedade particular) — em abundância, de 25 a 50 hectares —, mas também havia a obrigação de pagamento, levando à integração imediata para a produção de mercado; para o caso de paulistas e cariocas, restava a lavoura de café pronta, oriunda da mão escrava, uma casinha para morar, numa área de dois hectares por família. Recebiam em em sacas de café a serem vendidas pela família, ou junto com o patrão — também uma relação

de dependência. A partir da Primeira Guerra Mundial até o fim da República Velha a migração é interrompida e vai se formando o campesinato brasileiro, da *terra rossa* até o pampa.

Quanto à população mestiça, já sapiente e erradicada, não houve a subserviência e, como trabalhadores pobres, foram também impedidas pela Lei de Terras de 1850 de terem sua propriedade. Esta, então, migrou para o interior do país, para o sertão, nos estados do Nordeste, de Minas Gerais e Goiás. desenvolvendo agricultura de subsistência (também chamada de familiar). No ermo da caatinga e do cerrado, formaram suas comunidades camponesas. Formaram o Brasil Sertanejo.

A partir da Era Vargas se estabelece a industrialização no Brasil, cujas particularidades se caracterizam dentro das classes dominantes em decorrência da crise do modelo agroexportador. Enquanto as oligarquias rurais decaem, há a ascensão da burguesia industrial. Porém, nisto havia um laço: não houve o rompimento com a oligarquia rural por estas serem a própria elite industrialista em formação, seja ela gaúcha, do litoral nordestino ou bandeirante. Para comparação com a Revolução industrial inglesa, se no primeiro caso havia a lei de cercamento de terras que atingiu toda a relação de feudo-vassalagem criando a monocultura em função da indústria e a classe operária, no Brasil o poder agrário continuou dono do latifúndio e continuou a produzir para a exportação, enquanto ao industrial se reservou o poder político. Ocorre a migração operária e a importação de máquinas; a indústria produtora de insumos, bens e serviços para a agricultura; a formação da burguesia agrária.

O camponês então torna-se mão de obra barata para a indústria com o fenômeno crescente do êxodo e redução drástica da população rural; ocorre então a queda do salário médio em função disso (temos aqui o conceito marxista do exército de reserva); a produção dos alimentos e de matéria-prima vira-se para indústria.

Se falarmos do Estado de São Paulo, do Sul de Minas, do norte do Paraná — o perfil regional de estudante mais frequente na Unesp por sinal — havia a população já assentada e bem consolidada, com sua propriedade, também mestiça da época do bandeirantismo, picando fumo — o Brasil Caipira. É o exemplo mais próximo de como a industrialização os suga também para o olho do furacão, para o centro do poder industrial, a capital, a *Paulicéia*, conforme avança a concentração fundiária.

A agricultura então é modernizada, mecanizada, capitalista. Na condição do camponês de completa subordinação ao interesse do capital industrial começam a se organizar as primeiras ligas camponesas nos anos 60, e mais tarde a formação do MST no final dos anos 70. É em relação ao latifúndio, a monocultura da cana, do trabalho análogo ao escravo com a convivência das grandes transnacionais, a razão da ocupação da terra improdutiva dos latifúndios e a reivindicação e regularização de terras devolutas ao INCRA e se necessário até a ação destrutiva contra a produção do latifúndio, com suas manchetes em punho (aprendi que é um gesto simbólico de um instrumento de trabalho do camponês...).

Era este o último painel. A preparação chegava ao fim. Era chegada a hora de uma espécie de rito. No completo escuro da noite e sob o som das cigarras a última *mística*, antes da vivência, que envolvia vender nossos olhos com um lençol bem leve o qual só permitia enxergar vultos iluminados por tochas. Levamos uma vela nas mãos também, tomando cuidado pra não tropeçar. Ouvia poesias belíssimas, o discurso de resistência, a encenação de reuniões dos camponeses em tempos de opressão sendo chacinadas. ouvia o coral, que, um a um, aos poucos mais alto, se manifestava num número de vozes de voluntários, formadores, estagiários.

**Esse é o nosso país  
Essa é a nossa bandeira  
É por amor a essa pátria Brasil  
Que a gente segue em fileira...**

Assim, todos adentraram na sala onde se realizaram os painéis, onde havia um mapa do estado de São Paulo feito de areia e envolto de adereços e bandeiras, com as localizações dos destinos para as vivências as quais os estagiários, em dupla, foram selecionados. Lembro que o miguelito foi conhecer alguma área quilombola onde se organiza militância do MAB. Já eu fui junto com a Sophia para Sandovalina, região de Presidente Prudente — o Pontal do Paranapanema, extremo oeste do Estado —, para encontrar um simpático senhor chamado Valmir Ulisses Sebastião, militante do MST.

• • •

— *O apelido você quer saber o do trote de RP ou... hahaha!...*

Keila internalizou como tudo que é inexplicavelmente gostoso na vida universitária e, se é bom, rimos, se é ruim, rimos depois que externalizamos com alguém da sua vivência. Os trotes de RP devem ainda ter o tal do babador, usado até a festa de libertação neste momento em que escrevo. Será que essas dinâmicas, esses costumes universitários, ainda existirão? No passado não era um costume da recepção, como disse a Mara, a primeira presidenta do CACOFF... mas isso ficará somente para o sétimo livro.

*...Tenho 40 anos, fiz faculdade de RP de 1996 a 2000, atualmente faço o segundo ano de Pedagogia, faço Iniciação Científica CNPQ na área da educação do campo, mais especificamente sobre a educação de assentados, no assentamento Aimorés, participo do CAPF.*

*A gente ajudou a reorganizar. O CA estava parado, enfim, já tenho um ano de trabalho no CAPF. Eu tô também atuando mais diretamente nessa vida acadêmica agora, em que dá pra conciliar um pouquinho...*

*Sendo bem sincera: meu sonho de profissão não era a área de comunicação, eu não vou falar pra você que desde os quatro anos de idade eu virava pra minha mãe e falava “ai quero fazer Comunicação Social”. Não foi assim. Eu sempre quis ser dentista. É uma profissão que admiro até hoje por vários aspectos. Só que eu cresci numa família muito carente. Carente de cultura, carente financeiramente, carente de várias coisas.*

*Então, desde os quatro anos, literalmente, a primeira vez quando falei pra minha mãe que queria ser dentista ela virou pra mim e disse que isso não era pra gente como a gente. Como uma criança de quatro anos internalizei aquilo e cresci com isso...*

— E numa cidade que tem faculdade de Odontologia (a FOB) quase cinquentenária...

— Por isso que eu falo pra você que realmente a exclusão social cria feridas e cicatrizes muito fortes na gente. Embora eu esteja numa cidade “capital da odontologia” pela presença da FOB, minha mãe achava que aquela universidade era particular, que era paga. Ela não sabia que era pública...

*E na minha época de ensino médio pra mim ficou tão determinado que um curso integral numa universidade não era pra mim que eu tomei aquilo como verdade. E também nunca tive uma oportunidade de ter um preparatório pra enfrentar uma FUVEST. Eu só prestei Unesp ainda pra ver como que era o vestibular.*

*Então eu, a partir desse momento, em 95 entrei pra artes, depois desisti e entrei pra RP, aí atuei por 12 anos aproximadamente e depois vi que não era muito a minha praia, porque, na medida que eu não consegui realizar lá aquele sonho antigo da Odontologia eu fiquei muito sem referência, então eu fiz alguns anos de orientação vocacional, por exemplo, já estando na universidade. Sempre tive essa dificuldade da escolha da profissão, por achar que era algo pro resto da vida, e pelo fato de gostar de muitas coisas também.*

*Os quatro anos de Comunicação Social aqui na Unesp acabaram contribuindo muito pra minha vida. Eu consegui vencer o desafio, muitas vezes, da timidez, eu sempre gostei de escrever, então a faculdade de Comunicação sempre potencializou muito isso em mim, sempre gostei de ler, de lidar com pessoas, com projetos, então a formação de RP veio muito a contribuir pra minha vida.*

*Mas chegou um certo momento que eu sempre trabalhei viajando, e sempre fora de Bauru. Conseguir trabalho como RP em Bauru nunca foi realidade, então sempre trabalhei fora do Estado de SP, ou no ‘interiorzão’ mesmo aqui do Estado, em outras cidades, fiquei por quase 12 anos pegando muita estrada, dirigindo, etc. Chegou um certo momento que essa rotina pra mim não deu mais.*

*E eu não tava muito realizada, e foi aí que então resolvi buscar uma outra profissão, fiquei perdida por uns dois, três anos, vim fazer orientação vocacional de novo no CPA, num projeto super inédito que teve aqui com as alunas da Psicologia, formandas, pra pessoas que estavam buscando uma segunda opção de profissão.*

*Aí em 2013 fui trabalhar temporariamente numa biblioteca do Senac, foi aí então que caiu a ficha pra eu retomar aquela formação inicial do CEFAM, na área da Educação, prestei Pedagogia e comecei a fazer em 2015...*

— Que processo! — não evitei de fazer aquele biquinho de leve, com o lábio inferior, aquela ‘not bad face’.

— Fazia 16 anos que eu tinha saído da faculdade — falava com um sorriso saudoso.

*Qual é a imagem e a memória que eu tenho do CACOFF? Sim, teve uma atuação diferenciada, porque não existia o CA dos Cursos de Comunicação...*

*Em 1997, no segundo ano de RP, eu lembro da Mara, que foi uma das lideranças, bem representativa.*

*O CACOFF tinha relações com o DADICA, e lembro que na época as reivindicações eram o RU, Moradia, qualidade de ensino. Não tenho certeza se tinham discussões sobre o Passe Livre Estudantil, disso eu não me lembro... Mas sim, foi uma boa organização estudantil.*

*Lembro também que a Mara era representante em alguns órgãos colegiados da faculdade, ela era muito atuante. Depois tinha a Andréa Acácio, A Cláudia Nociolini, esposa do Arlindo, lembro também do Hiro [Eduardo Hiroshi Kawauche], de jornalismo, o Hiro era o presidente do DADICA.*

*O Hiro era uma pessoa altamente articulada. Depois que encontrei com o Hiro, não sei se foi em rede social mas ele já estava na Volks quando a gente trocou umas ideias. Esse pessoal foi muito importante na vida acadêmica...*

Soube de Hiro pela primeira vez nos corredores do (antigo) DCHU e DCSO, através dos professores Dino e Arlindo, em 2014, quando rascunhava as pesquisas para este trabalho.

### **Eduardo Hiroshi Kawauche (☆1977 †2013)**

*Foi uma pessoa extremamente inteligente, muito atuante. Eu lembro como se fosse ontem, uma pessoa enérgica, comunicativa, persuasiva, todo mundo sabia do Hiro, conhecia o Hiro. Falava Unesp, Dadica, era o Hiro. Era uma coisa assim, personificada.*

*O Hiro e a Mara, pessoa e entidade, se cruzavam. Duas pessoas que tenho muito claras na minha memória.*

*O Hiro teve um sucesso profissional muito grande, mas aí sucesso tem vários pontos de vista. Eu, vendo de fora, uma pessoa nesse setor de automóveis, indústria automobilística, foi assessor de imprensa, trabalhou com comunicação interna, externa. Eu considero ele como um excelente profissional, muito bem sucedido. Teve uma ascensão muito grande. Quando eu fiquei sabendo pelo Face foi muito triste da forma que foi. Mas eu entendo o suicídio, aí tem a minha visão pessoal de suicídio... É uma pena que foi assim, não sei, a gente não sabe o que estava acontecendo ali.*

*Mas era uma pessoa extremamente culta, informada, instruída. Mas é que o suicídio... Nem sei porque que eu tô explicando isso aqui: a gente tem que entender que o suicídio também é uma opção de escolha. Ele, como uma pessoa muito esclarecida...*

*Foi inesperado, porque não passa na cabeça da gente que uma pessoa com o perfil do Hiro ficasse tão mal a ponto de fazer uma escolha como essa. A gente pensa sempre que uma pessoa da projeção dele... Ele se tornou um executivo de uma multinacional alemã, a Volks. E, morando em São Paulo, com acesso a tantas coisas, a gente se questiona em um monte de coisas, mas eu não estava ali, próxima. Não tinha tanta proximidade pra entender o que de fato aconteceu. Foi inesperado, foi um susto pra todo mundo.*

*Eu entendi que ele, como uma pessoa extremamente esclarecida, fez uma opção em não estar mais aqui.*

Hiro também fez de seu TCC, em 1998, um jornal chamado 'Vida de Estudante', chamando atenção a necessidade de um meio de comunicação que trabalhasse em função de todos os campi da Unesp na época, um jornal a serviço do estudante da Unesp, um jornal para o DCE-HR. Brilhante ideia para alguém de extremos. Mas é um tema que pode ser trabalhado no quarto volume. Mudando para um assunto mais bem humorado...

*Como te disse eu trabalhava das 8h às 18h, de segunda à sexta. Vinha pras aulas e sábado de manhã tinha aula também. Então não tive uma vida tão direta no ME, porque depois, nos finais de semana eu ia pros meus projetos sociais na pastoral...*

*Não fui uma universitária muito festeira, porque eu sempre tive que acordar cedo, e eu tenho muita dificuldade de acordar de manhã. Foi super pouco em festas, em coisas assim. Digamos que eu fiquei meio “vida paralela”...*

— Naquela época era tão fervoroso quanto hoje?

— Era — respondeu gargalhando. Festas de segunda a segunda — fui em algumas — pra não falar que não fui. Mas, de fato, é complicado, tem gente que consegue trabalhar, estudar, ir em festas. Eu já era mais reservada. Não fui muito não.

## **A antiga Empresa Circular Cidade de Bauru (ECCB)**

Antes da Empresa Municipal de Desenvolvimento Urbano e Rural de Bauru (Emdurb) manter contrato de concessão com as empresas Grande Bauru e Cidade Sem Limites, firmadas à Associação das Empresas do Transporte Coletivo Urbano de Bauru (Transurb), havia um sistema monopolizado.

— Numa conversa de Whatsapp que a gente teve você tinha falado de uma greve de ônibus, em 98...

— Greve de ônibus? — Keila meditou, e lembrou — ahh!

*Em Bauru tinha uma empresa chamada Quaggio, de família de mesmo nome. E era um monopólio que existia em Bauru, desde sempre todas as linhas de ônibus eram deles. Aí, depois de muito questionamentos, depois que essa família enriqueceu um monte — os prefeitos que passaram por aqui eram muito coniventes com esse monopólio.*

*Depois de muita discussão, muita pressão, muito questionamento, aí depois de um tempo abriu pra essas empresas que estão atualmente.*

*Porém, existem várias críticas em relação ao valor da tarifa em Bauru, parece que é a segunda cidade mais cara de tarifa de ônibus, perdendo somente para Fortaleza se eu não me engano. E olha que em Fortaleza você pega um ônibus, e acredito que você deva andar muito no ônibus... E detalhe: Fortaleza tem terminal. Bauru não tem terminal.*

*Eu lembro também um ano que fui trabalhar em Salvador, e me deparei com o valor da tarifa do ônibus: “gente, é dez centavos mais caro que em Bauru”, e achei um absurdo aquilo, sabe?*

*Bauru nunca teve terminal, os ônibus são sujos, os motoristas dirigem correndo, parecem que estão levando gado dentro do ônibus. Horário de final de semana é bem complicado aqui, eu dependo de ônibus atualmente, e é um sacrifício.*

*Pelo valor que a gente paga é muita coisa. E, segunda-feira agora [dia 13/02/2017], entrou em votação na Câmara dos Vereadores o projeto que deu entrada na época que o Roque era vereador, de passe livre para o idoso. Isso já está há dois anos em discussão, entrou em votação segunda-feira, e o que aconteceu? Os vereadores pediram tempo pra analisar o projeto! Faz dois anos que o projeto tá pra lá e pra cá...*

*Agora você imagina, até mandei mensagem pro ex-vereador Roque perguntando se já tinha alguma comissão estudando a viabilidade do passe livre para os estudantes também, que*

*é promessa de campanha do atual prefeito [Gazzetta]. Aí a discussão do idoso nem avançou ainda, imagina o do passe livre pro estudante, que seria um impacto muito grande. E já tem cidades fazendo isso, praticando isso.*

*Mas aqui em Bauru as coisas são muito devagar. Ainda tem monopólio de famílias, de alguns nomes, algumas lideranças, não têm interesse maior pela melhoria das condições sociais dos jovens, dos estudantes, é bem complicado.*

*Agora você me fez lembrar do jornalzinho da paróquia que eu participava, da Pastoral da Comunicação — eu que ajudava a fazer.*

*E eu lembro que foi no ano que o [Governador Mario] Covas autorizou soltar bomba na passeata dos professores. E eu lembro que quando o ônibus da APEOESP voltou pra Bauru, depois daquele fato que já tinha saído na TV, e tudo mais, fui entrevistar o Duílio pro jornalzinho da paróquia, que se chamava Vida em Ação. E o Duílio tava todo esfolado, com o estilhaço das bombas...*

*O Duílio [Duka de Souza] foi liderança da APEOESP aqui em Bauru: professor, foi também da Pastoral do Movimento Negro em Bauru. Uma pessoa interessante, caso você se interessar está no meu Facebook.*

*Em relação à Unesp — engraçado que outro dia eu falei isso na discussão de uma reunião no CAPF: muitos problemas que já se reclamavam lá na minha primeira graduação — não é pra minha surpresa, mas eu cheguei aqui em 2015, com as mesmas discussões, praticamente. A única diferença é que agora o RU tá construído, e tem moradia, mas o corte de bolsas de extensão, de pesquisa continua aumentando. A biblioteca continua no porão. O ônibus que a gente pode usar pra fazer estudos do meio, visitas, pra melhorar o conteúdo aprendido em sala de aula, não pode ser utilizado de sábado, sendo que o sábado, pro aluno do curso noturno, é a única opção que a gente tem pra fazer as viagens, porque a universidade tem problemas com pagamento de hora extra de motorista e não existem outras alternativas.*

*Então me parece que no geral a impressão e o sentimento que eu tenho é que pouco se avançou. Saí da universidade, fui, trabalhei, voltei, e taí as mesmas problemáticas, sabe? As vezes um pouco pior. Não querendo ser pessimista, mas parece que ou estagnou ou só regrediu ao invés de progredir, esse é o sentimento que eu tenho.*

*Deveriam ter políticas sociais que ajudassem o estudante a, de repente, junto a um poder público municipal, a gente de fato tentar viabilizar o passe livre pros estudantes. A universidade poderia nos ajudar a ter força nos debates, discussões e estudos pra viabilizar isso, porque tem que ter estudo pra viabilizar. Quem vai pagar essa conta se o passe se tornar gratuito 100% pro estudante?*

*Querendo ou não, agora tem o passe de estudante, antes era até um limite de idade...*

*Antes das manifestações de 2013 o limite era de 25 anos e o desconto era de 25%; passou a ser de 50% e sem limite de idade.*

*...Agora não tem mais limite, uso o cartão Sênior. Mesmo assim, essa despesa impacta bastante especialmente pra quem depende de bolsa ou pra quem ganha salário mínimo, em média é o piso do que se paga pra quem trabalha no comércio por exemplo.*

*E tem mais um alarmante: agora a Transurb limita a 50 passes por mês. Aí, de repente se você vem mais vezes num mês, e precisa de mais passe, você não pode usar o desconto. Você tem que comprar uma passagem. Isso é prejudicial também, porque às vezes temos que ir [e voltar] mais vezes da faculdade.*

*É bem complicado isso, mas a universidade podia ter essa preocupação, de viabilizar, ajudar os alunos a concretizar o direito de ir e vir sem essas preocupações. Já conheci vários casos de uma pessoa não ir a tal lugar ou não participar de algumas coisas pela dificuldade de transporte mesmo.*

## **CACOFF, pedagogicamente falando**

*Não me atualizei, estou por fora do que o CACOFF está fazendo... A visão que eu tenho é que a gente não pode perder de vista o protagonismo do estudante universitário, o papel que esse estudante tem, embora — falo do estudante de curso noturno, que trabalha o dia inteiro — no caso da Pedagogia, realidade de outros cursos também — a gente não possa perder de vista que somos agentes potencializadores, agentes de transformação, por mínima que seja sua atuação.*

*Eu vejo que no geral me parece que o estudante universitário não tem muita consciência do papel transformador que ele pode exercer. E às vezes ter que trabalhar muito, e estudar, e isso e aquilo acaba não tendo tempo pra se empenhar em alguma causa. E o atual governo é uma regressão que a gente vive. Não sou simpatizante com o atual governo...*

*Acho que vai contra valores que tenho de participação, de vida comunitária. Acredito que o CA, os Grêmios Estudantis ainda são movimentos de resistência e potencial transformação. Na Pedagogia a gente conversa muito sobre como fazer essa escola transformadora. A mensagem que eu deixo é que precisamos fazer a diferença sim. E a universidade, querendo ou não, é um ambiente propício a isso.*

*Eu tô agora fazendo a segunda graduação. A Pedagogia me resgatou em muitas coisas. Porque quando você é um profissional, tá “lá fora”, quando você está na correria batida, de só trabalhar, você acaba se alienando em certas coisas e agora sim, tem dois anos que a Pedagogia me resgatou pra essa Keila aqui, da vida comunitária, da vida social. Pensamento crítico a gente sempre tem, mas expor meus pensamentos críticos, discutir problemas do cotidiano, tentar fazer a diferença.*

*A mensagem que eu deixo é essa: nós sempre podemos fazer parte de um movimento de resistência pra melhorar, pra fazer com que nossos direitos sejam respeitados, pra que realmente a gente possa ter voz, ter vez. E — como sou da educação, claro — ter uma educação pública de qualidade, transformadora, que tenha sentido na vida individual e coletiva.*

— O Movimento lhe educou pra alguma coisa?

*Sim, me educou, e me educa ainda, no sentido de que a transformação, as melhorias, são resultado de um trabalho coletivo, que individualmente e isoladamente eu sozinha não vou conseguir. Porque existem jogos de interesses, pontos de vista diferentes, e eu acredito que o ME é pedagógico, extremamente. No sentido que ele nos educa pra vida em sociedade, pro diferente, pro mais amplo, pra oportunidades de se discutir ideias.*

*Isso é a parte mais rica da universidade. Sabe, liberdade? Você pensar diferente e não ser acuada pela hierarquia. A princípio, pelo menos teoricamente, a universidade é esse espaço de acolher e discutir as diferenças, construir coisas coletivas. Acredito nisso.*

## Saúde e trabalho: “é preciso existir um equilíbrio”

*Eu me formei em 2000, depois de seis meses comecei a trabalhar na área. Atuei por quase doze anos. Da experiência que eu passei — que é o que posso falar um pouquinho, dividir — é bem complicado você ser profissional de comunicação no interior. As oportunidades são raras, a estrutura também é rara.*

*Eu trabalhei no terceiro setor, em multinacional, como funcionária de carteira assinada, como prestadora de serviço autônoma. E dei aula também numa faculdade em Marília.*

*Você vê: Bauru, que fala que é “o coração de São Paulo”, mas pra área de comunicação, muitas limitações, pouquíssimas oportunidades. Por causa da questão cultural da cidade, porque não é uma região industrializada, mesmo o terceiro setor existe mas não são muitas oportunidades, também não tem a mesma estrutura que o terceiro setor de uma capital, por exemplo.*

*Todas as vezes que eu trabalhei na minha área foi fora. O que eu recomendaria que todo profissional de comunicação hoje tem que lidar é com o mais difícil: a comunicação entre pessoas e o equilíbrio entre os conflitos do trabalho enfrentados independente do setor, e a saúde do profissional de comunicação. É um trabalho muito dinâmico. Requer viagens, muitas vezes. Requer lidar com gestão de crises, imagem, interesses os mais diversos possíveis e nós somos os mediadores. Estamos, ali, no meio da tensão: seja o jornalista, seja o cara do rádio e TV, seja o publicitário, seja o relações públicas.*

*A saúde é um tema transversal, que quando você sai muito novo da faculdade e sem experiência de vida você se joga nos projetos — até pela empolgação do início — aquele sonho e o desejo de querer aprender e trabalhar e ser remunerada e reconhecida por isso — a gente esquece um pouquinho a saúde, física, mental, pra quem acredita a saúde espiritual também. Me vem muito agora dizer que o profissional de comunicação, pra ser bem sucedido nesse mundo bagunçado, dinâmico e corrido que a gente vive precisa ter bastante atenção e cuidado consigo próprio também.*

*Isso é muito importante, até porque, por experiência própria, saímos da nossa cidade, a que você está acostumada, que tem uma rotina, e vai trabalhar em cidades diferentes, e todos os dias com pessoas diferentes — lidar com o público é isso. Então precisamos ter uma saúde mental e emocional muito grande. Isso é um desafio pessoal, e na universidade não se discute isso do ponto de vista preventivo.*

*Não há nenhum tipo de orientação, ou pelo menos não existia. Vejo que é preciso existir um equilíbrio, porque a área de comunicação, seja ela assessoria de imprensa, uma redação, trabalhar em mídias sociais, o terceiro setor, hospitalar, empresarial — demanda muito do profissional, em todos os sentidos. Dividir vida profissional com família, com lazer, saúde, com educação continuada — porque você precisa continuar estudando, se atualizando. É bem complexo pro jovem recém-formado aprender de forma saudável a gerenciar tudo isso. É um desafio.*

— Como organizar isso, num Brasil em que a aposentadoria está sendo jogada no lixo? Em que a relação com o mercado já é tão competitiva?

Sim... é luxo no Brasil educação continuada. Infelizmente. Educação continuada deveria ser política pública. Até mesmo porque um país só vai crescer de forma sustentável com educação.

E depois de formados nós precisamos continuar estudando. É um desafio muito grande porque você é contratado pra oito horas geralmente, de praxe 40h semanais, ou 44, oito horas por dia. Mas se você trabalha viajando é muito raro você ficar só oito horas no trabalho. É muito comum levar trabalho pra casa, trabalhar até a noite, fim de semana. Na área de comunicação você tem que saber já no primeiro ano que feriado é uma coisa que quase não existe. Um paralelo com quem trabalha na área da saúde. E aí a gente tem toda uma questão da alimentação desse profissional. Requer muita disciplina você conseguir manter um nível de alimentação saudável trabalhando e viajando por exemplo. Ou nos horários mais loucos que um profissional de comunicação trabalha. São coisas, questões que acho que a universidade deveria trazer pra dentro da sala de aula pra conversar, pro profissional ir se preparando pra esses desafios e não ser pego se surpresa lá na frente.

— Cê gostou? — foi a última dúvida de Keila na entrevista... uma dúvida simpática, como quem gostaria de dizer mais e mais... — Se pudesse ficava aqui até meia-noite conversando mas...

Era hora de sua aula. Mas como decupar áudio gravado é um martírio que sempre custa o dobro do tempo do próprio áudio... Uau, paremos aqui .

Aproveitei e pedi a Keila para conhecer um pouco seu professor Vitor, já que sua aula era nas salas da Engenharia, bem pertinho. Era daqueles professores que tinha bom envolvimento com a Adunesp, já que seus projetos era voltados à educação no campo, em assentamentos rurais.

E estavam dados mais dois passos. Hora de tomar uma cerveja lá no Ricks (ou o que passou a partir de 2012 a ser chamado de ‘Nego Véio’ — esse nome até permaneceu com certa força durante minha graduação por um ‘força de hábito’ da república Risca-Faca). Numa conversa de bar sempre rola uma troca de informações sobre qualquer coisa. A Samu, aliás, me indicou o envio de currículos para a estágio pelo PNUD (o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento). Por outro lado também ocorrem alguns surtos, espasmos, rsgas. Algumas são mais intimistas: seus erros do passado vêm à tona e seu belo dia simplesmente se torna numa noite mal-humorada. Amigos de outro lugar comunicam naquele grupo de trabalho na rede sobre opressões sofridas, e você solta respostas bêbedas, sem grave comprometimento. Não demora muito para, ao simples ato de citar certo nome empoderado do feminismo LGBT que converte sua opressão sofrida em julgamentos moralistas e intolerantes sobre os outros — antes fosse por um mero joguete de poder de certas correntes partidárias em busca de um falso consenso ou da implosão de grandes assembleias estudantis — aliás uma boa interpretação sobre o desajuste, paúra e inatividade do DCE-HR — acabar sendo atingido pelo esculacho gratuito, por óbvio, inesperado (senão não o é, e isso faz tremendo sentido para tal ativismo) da Piri, pessoa simpaticíssima, amiga, respeitável feminismo inerente. E sim, foi inesperado. Não adianta fugir da realidade quando seus erros vêm à tona pela pressão, mas naquela altura da graduação foi como chutar cachorro morto. O que pensar de uma esquerda que se trata assim? Quero crer que diante das mudanças da década de 10 as diferenças não se façam destrutivas. Ainda mais considerando que precisamos de uma resistência que convirja posições comuns...

E o pior: se fosse por causa de um feminismo das trabalhadoras, da periferia, das negras, me recolheria plenamente em respeito a uma causa que imagino ter ganhado mais força na posteridade. Mas não: era burguês, academicista, comportamental (como poderia o militante leitor frisar sobre esse livro), fiscal de tititi, e finalmente, absorvido pelas grandes empresas de mídia como mero produto publicitário.

Minha saúde interior ficou ruim, por uns meses.

<sup>1</sup> O Núcleo de Estudos e Observação em Economia Criativa (NeoCriativa, da FAAC/Unesp), projeto orientado pelo Prof.º Juarez Xavier, procura, desde 2010, fazer o mapeamento de arranjos produtivos locais (APL) e suas Cadeias Produtivas de Cultura subalternos e contra-hegemônicos de Bauru e região.

<sup>2</sup> Bauru terá 2ª Jornada de Direitos Humanos, notícia do portal 96fmbauru.com.br, 27/mar/2012, et al.

<sup>3</sup> Frei Betto, *Batismo de Sangue: guerrilha e morte de Carlos Marighella*, 14ª ed., pp. 17-8.

<sup>4</sup> A greve dos presos políticos pela anistia, em 1979, blog de José Carlos Lima, 30/abr/2014, et al.

<sup>5</sup> Jornada de Direitos Humanos teve início no sábado, notícia-release da Assessoria de Comunicação e Imprensa da FAAC/Unesp, 15/abr/2012, Et al.

<sup>6</sup> Segundo o Ministério da Justiça e Segurança Pública, “As Caravanas da Anistia são sessões de turma públicas e itinerantes, seguidas de atividades educativas e culturais que compõem as ações da política de reparação moral da Comissão de Anistia” — esta criada em 2001.

<sup>7</sup> Filha da Anistia, reportagem-release para o portal JCNET, 19/abr/2012, et al.

<sup>8</sup> Exposição “Direito à Memória e a Verdade” é realizada em Bauru, SP, reportagem para o G1 Bauru e Marília, 22/mai/2012, et al.

<sup>9</sup> O que a greve trouxe para os estudantes de Bauru? informativo de Greve Unesp para a página do CEUB na rede social Medium, 6/set/2016.

<sup>10</sup> César Benjamin [et. al.], *A Opção Brasileira*, Contraponto, 1998, 208 p.

<sup>11</sup> “Posição de independência frente ao novo governo, mas com apoio às iniciativas que representassem mudanças em relação ao neoliberalismo, e a convocação dos estudantes a que ampliassem as mobilizações em defesa dos seus direitos.” Arthur José Poerner. O Poder Jovem - História da participação política dos estudantes brasileiros, pp.309-10.

<sup>12</sup> A Consulta Popular vai passar, artigo de Fernando Rodrigues publicado na Folha de S. Paulo, 15/fev/1999.

<sup>13</sup> Retirado da seção ‘Quem Somos’ do sítio consultapopular.org.br

<sup>14</sup> Ver capa da revista Veja, ed. 1549, jun/1998, et al.

<sup>15</sup> Os sem-terra, entrevista com João Pedro Stédile realizada por Paulo de Tarso Venceslau publicado em 1/jan/1990 e republicada no portal teoriaedebate.org.br

<sup>16</sup> Impeachment ontem e hoje, texto do portal Transição Socialista, 8/abr/2015.

<sup>17</sup> Íntegra da entrevista com César Benjamin, realizada por Eliane Brum, revistaepoca.globo.com, 29/ago/2005.

<sup>18</sup> Os filhos do Brasil, artigo de Cesar Benjamin publicado na Folha de S. Paulo, 27/nov/2009, republicado no portal terramagazine.terra.com.br em 28/nov/2009.

<sup>19</sup> Tendler: “Só um débil mental não viu que era piada do Lula”, entrevista realizada por Bob Fernandes no portal terramagazina.terra.com.br em 28/nov/2009.

<sup>20</sup> Por que agora? Artigo de Cesar Benjamin publicado na Folha de S. Paulo, 2/dez/2009.

<sup>21</sup> César Benjamin: “Não quero esconder a realidade, o Rio está morrendo aos poucos”, entrevista realizada por Maria Martín para o portal El País Brasil, 2/jul/2017.

<sup>22</sup> Movimentos cobram justiça e punição de torturadores, em Brasília, reportagem de Helena Martins publicado no sítio da EBC, 31/mar/2014, atualizado em 2/jan/2015, et al.

<sup>23</sup> Lei n. 11.343, de 11 de outubro de 2006, criada em substituição à lei 3638/76. Colaborou para a distinção entre usuário e traficante. “Para entidades da sociedade civil, a legislação contribuiu para o aumento da população carcerária nos últimos dez anos (reportagem de Renan Barbosa para o portal Nexo, 14/jan/2017).

<sup>24</sup> Trechos deste Manifesto foram publicado no livro 'Raul Rock Seixas', obra de Kika Seixas (Globo 1996), única ex-mulher de Raul que manteve ligação com sua obra.

<sup>25</sup> Sex doesn't sell any more, activism does. And don't the big brands know it (Sexo não vende mais, ativismo vende. E as marcas sabem disso), artigo de Alex Holder publicado no portal do jornal britânico The Guardian, 3/fev/2017, traduzido e republicado no portal El Coyote, 15/abr/2017.

<sup>26</sup> 'Quando não vence, o capitalismo compra', uma das tirinhas 'Quadrinhos dos Anos 10' de Malvados, do quadrinhista André Dhamer ([www.andredahmer.com.br](http://www.andredahmer.com.br)).

<sup>27</sup> Escrever 'todxs' ou 'amig@s' atrapalha softwares de leitura, dizem cegos, reportagem de Luiza Tenente para o portal G1, 8/jul/2016.

<sup>28</sup> Vestibulando foi uma produção da TV Cultura que teve início em 1985, com sua fase mais conhecida entre 1992 e 1995. Seu objetivo era ensinar o conteúdo do vestibular, com a inovação de um computador(!) através de professores dos principais cursinhos privados, pelo formato de teleaula, um método bastante efetivo que também foi popular pelo Telecurso 2000, realizado pela Fundação Roberto Marinho e FIESP, que transmitia lições dos antigos 1º e 2º graus com interações de caráter cênico. As produções no formato de teleaula hoje em dia são mais comuns e bastante presentes na internet em sites de vídeo como o YouTube e Vimeo.

<sup>29</sup> Jornais de Bauru, publicação do blog [vivendobauru.com.br](http://vivendobauru.com.br), 3/dez/2015.

<sup>30</sup> Uma Constantino com pé no chão, notícia publicada no portal Istoé Dinheiro, 4/out/2006 e atualizado em 1/dez/2006.

<sup>31</sup> Gol lidera mercado doméstico em junho, com fatia de 36,4%, notícia de Rodrigo Rocha publicada no portal Valor Econômico, 19/jul/2016.

<sup>32</sup> Nenê Constantino: austero, discreto, bilionário e condenado por assassinato, reportagem de Renato Alves publicada no portal do jornal Correio Braziliense, 12/mai/2017.

<sup>33</sup> Nicolinha foi o nome popular atribuído a Nicola Avallone Júnior (1919-2010), empresário, economista ex-prefeito e ex-deputado de Bauru. Detalhes sobre sua biografia e trajetória política foram publicados em 21/Out/2010 no site da agência de notícias da Alesp, quando de seu falecimento, e em publicação do Jornal da Associação Sem Limites, Ano I, nº09, jul/2017.

<sup>34</sup> Pastoral Afro-Brasileira, criada em 1998 pelo gaúcho Dom Gílio Felício (1949-), quando era (o primeiro negro) bispo auxiliar na arquidiocese de São Salvador. Pastorais (ou Ação Pastoral), como a PJ, a CPT, a PJR ou a Pastoral da Comunicação (Pascom), Pastoral Carcerária etc. compõem um conjunto de atividades da missão da igreja católica. Na política, diversos membros de pastorais foram inspirados pela Teologia da Libertação e tinham ligação com o PT.

<sup>35</sup> Escola normal, ou curso de segundo grau para formação de professores no ensino básico. O nome deriva do projeto educacional francês com Jean-Baptiste de La Salle durante a Revolução Industrial, no século XVIII.

<sup>36</sup> Rio Preto: Equipe avalia possibilidade de prédio do antigo Cefam ser campus do Instituto Federal, notícia do portal DHoje Interior, 16/mai/2017.

<sup>37</sup> Moradias para alunos da Unesp ficam a 2 km do campus de Bauru, SP, reportagem do G1 Bauru e Marília, 19/mai/2012.

<sup>38</sup> Eduardo Galeano, *O Livro dos Abraços*, 1991.

<sup>39</sup> *8 de março*, poesia do professor e poeta Mauro Luis Iasi, membro do comitê central do PCB.

<sup>40</sup> Mário de Andrade, *Macunaíma*, 1928.

<sup>41</sup> Além de um nome de um Sistema Operacional Livre, ubuntu numa livre tradução significa 'a humanidade para com os outros', difundidos por personalidades como os sul-africanos Nelson Mandela e o Arcebispo Anglicano Desmond Tutu.

<sup>42</sup> Entenda a Lei de Cotas para as universidades federais, reportagem de Amanda Cieglinski para o sítio da EBC, atualizado em 15/out/2012.

<sup>43</sup> Casos de fraudes em cotas e o debate sobre as comissões de verificação, reportagem de Murilo Roncolato para o portal Nexô, 29/set/2017, et al.

<sup>44</sup> Há 17 anos, Bolívia viveu a guerra da água - consequência direta da privatização desse bem, texto para o FAMA (Fórum Alternativo Mundial da Água) de 2018 no sítio da Fenae (Federação Nacional das Associações do Pessoal da Caixa Econômica Federal), 27/out/2017, et al.

<sup>45</sup> A crise da água e a sede dos tucanos, texto publicado pelo MAB, 15/mai/2014.

<sup>46</sup> Hidrelétricas que matam, notícia institucional do sítio da Conectas Direitos Humanos, 16/dez/2016.

<sup>47</sup> Eduardo Galeano, *ibidem*.

<sup>48</sup> Eduardo Coutinho, *Cabra Marcado Para Morrer*, 1984. O filme, produzido pelo CPC e inspirado nos ideais do Cinema Novo, era um projeto de filme de ficção sobre o assassinato do líder camponês João Pedro Teixeira e tinha como atores os próprios trabalhadores do campo organizados em Sapé, PB, e o Galiléia, PE. Interrompido pelo golpe de 1964, o filme então teve o resgate da memória destes eventos dezessete anos depois em 1981.

<sup>49</sup> Depoimentos diversos sobre o livro *O Povo Brasileiro* filmados inclusive com o próprio Darcy Ribeiro (1922-1997) na cidade de Maricá-RJ no ano de 1995 foram concebidos pela pernambucana Isa Grinspum Ferraz e foram inspiração para um documentário de dez episódios lançado em 2000.

## Siglas

**AG** - Administração Geral - Unesp Bauru.

**AP** - Ação Popular, organização política extraparlamentar formada nos anos 60 pela militância estudantil da JUC e de agremiações da Ação Católica Brasileira (ACB).

**Alesp** - Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo.

**ANEL** - Assembleia Nacional dos Estudantes-Livre. Organização rompida com a UNE, com base política na juventude do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado.

**APLO** - Assessoria de Planejamento e Orçamento da Reitoria da Unesp. Entre outras atribuições, Assessora a Reitoria no planejamento, programação e desenvolvimento das atividades universitárias.

**BAAE** - Bolsa de Apoio Acadêmico e Extensão (antigamente chamada de PAE - Programa de Apoio ao Estudante). Dividida em 3 categorias: I (da PROEX para estudantes em condições de necessidades socioeconômicas); II (da PROEX para estudantes vinculados a projetos cadastrados e supervisionados por docentes); III (serviços nas áreas da informática e monitoria).

**BATICUN** - Batismo dos Calouros da Unesp (desde 1992).

**BCC** - Bacharelado em Ciências da Computação, uma sigla prática para esta graduação.

**CAARTUN** - Centro Acadêmico de Artes - FAAC/Unesp (da antiga licenciatura em Educação Artística, até 2015).

**CAAV** - Centro Acadêmico de Artes Visuais - FAAC/Unesp (a partir de 2017).

**CABio** - Centro Acadêmico de Biologia - FC/Unesp.

**CACOFF** - Centro Acadêmico de Comunicação Social “Florestan Fernandes” - FAAC/Unesp.

**CADUnesp** - Centro Acadêmico de Design - FAAC/Unesp.

**CAEF** - Centro Acadêmico de Educação Física - FC/Unesp.

**CAELL** - Centro Acadêmico de Estudos Literários e Linguísticos “Oswald de Andrade” - FFLCH/USP.

**CAFCa** - Centro Acadêmico “Flávio de Carvalho” - Arquitetura FAAC/Unesp

**CAIC** - Centros de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente, criados durante o governo Fernando Collor de Mello (1990-1992). Vale-se mencionar os CIEPS (Centros Integrados de Educação Pública) criados durante dos governos cariocas de Leonel Brizola (1983-1987/1991-1994) e a Escola Parque (ou Centro Educacional Carneiro Ribeiro), criada nos anos 50 em Salvador. Ambos serviram de inspiração para o projeto federal.

**CANN** - Centro Acadêmico Nove de Novembro - FCE/Unesp.

**CAPF** - Centro Acadêmico ‘Paulo Freire’ de Pedagogia - FC/Unesp.

**CAPSI** - Centro Acadêmico de Psicologia - FC/Unesp.

**CAQUI** - Centro Acadêmico “Marie Curie” de Química - FC/Unesp.

**CEEUB** - Conselho das entidades Estudantis da Unesp Bauru (antes de 2012).

**CEEU** - Conselho de Entidades Estudantis da Unesp (após o CEEU de Assis realizado em 2013).

**CEEUF** - Conselho das Entidades Estudantis Unesp-FATEC (até o realizado em Assis, em 2013, onde a FATEC se dissociou e organizou o seu próprio DCE).

**CEFAM** - Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério (1982-2005).

**CEUB** - Conselho dos Estudantes da Unesp Bauru (desde 2012).

**CEETEPS** - Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (1969, posteriormente recebendo as abreviações de CEET, em 1971, e posteriormente, Centro Paula Souza, CPS), autarquia que administra as 220 ETEC e as 66 FATEC espalhadas por 300 municípios no Estado de SP.

**CLT** - Consolidação das Leis do Trabalho, Decreto-Lei nº 5 452, de 1º de maio de 1943.

**Contag** - Confederação Nacional dos Trabalhadores da Agricultura, primeira entidade sindical camponesa de caráter nacional, criada em 1963.

**CPC** - Centro Popular de cultura da UNE.

**CPI** - Comissão Parlamentar de Inquérito, que pode ser mista (CPMI) no âmbito federal, envolvendo Câmara e Senado.

**CPPE** - Comissão Permanente de Permanência Estudantil, instalada em favor da demanda do ME em decorrência da greve estudantil unespiana de 2013.

**CPT** - Comissão Pastoral da Terra, órgão da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) criado em 1975. Originado das cartas pastorais (a exemplo D. Pedro Casaldáliga) denunciando a exploração da terra, do trabalho e espoliação indígena, objetiva “interligar, assessorar e dinamizar os que trabalham em favor dos homens sem terra e dos trabalhadores rurais, e estabelecer ligação com outros organismos afins.”

**CUT** - Central Única dos Trabalhadores, fundada em 28 de agosto de 1983.

**DACEL** - Diretório Acadêmico “César Lattes” - FC/Unesp.

**DADICA** - Diretório Acadêmico “Di Cavalcanti” - FAAC/Unesp.

**DAFAE** - Diretório Acadêmico da Faculdade de Engenharia - FEB/Unesp.

**DARG** - Departamento de Artes e Representação Gráfica da FAAC/Unesp.

**DAUP** - Departamento de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo da FAAC/Unesp.

**DCE-HR** - Diretório Central dos Estudantes “Helenira Rezende” da Unesp.

**DCHU** - Departamento de Ciências Humanas da FAAC/Unesp.

**DCSO** - Departamento de Comunicação Social da FAAC/Unesp.

**DD** - Departamento de Design da FAAC/Unesp.

**DEF** - Departamento de Educação Física da FC/Unesp.

**DOPS (ou DEOPS)** - Departamento de Ordem Política e Social (1924-1983).

**ECA** - Escola de Comunicações e Artes da USP.

**EFLCH** - Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da UNIFESP.

**EIV** - Estágio Interdisciplinar de Vivência em Áreas de Reforma Agrária e Atingidos/as por Barragens, ferramenta construída conjuntamente pelo movimento estudantil e movimentos sociais populares (especialmente MAB, MST e Levante Popular da Juventude), em que estudantes de diversas localidades do estado de São Paulo, do Brasil e até de outros países da América Latina se propõem a um exercício de formação e vivência nas comunidades de movimentos sociais do campo.

**Encceja** - Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos.

**ENECOM** - Encontro Nacional dos Estudantes de Comunicação Social.

**ENECOS** - Executiva Nacional dos Estudantes de Comunicação Social.

**ENEM** - Exame Nacional do Ensino Médio.

**ESALQ** - Escola Superior de Agronomia “Luiz de Queiroz” da USP.

**ESPM** - Escola superior de Propaganda e Marketing.

**ETEC** - Escola Técnica Estadual de São Paulo.

**FAAC** - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Unesp Bauru.

**FATEC** - Faculdade de Tecnologia, uma das instituições do Centro Paula Souza.

**FC** - Faculdade de Ciências da Unesp Bauru.

**FCA** - Faculdade de Ciências Agrônômicas da Unesp Botucatu.

**FCHS** - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Unesp Franca.

**FDUSP** - Faculdade de Direito da USP, ou do Largo São Francisco; para os intimistas, SanFran.

**FE** - Faculdade de Engenharia da Unesp Bauru. Mais que uma coincidência com a antiga Fundação é comumente nomeada FEB, para diferenciação da sigla da engenharia de Bauru em relação aos campus Guaratinguetá (FEG) e Ilha Solteira (FEIS).

**FEB** - Fundação Educacional de Bauru (1966-1985).

**FeNEA** - Federação Nacional dos Estudantes de Arquitetura e Urbanismo.

**FFLCH** - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

**FLM** - Frente de Luta por Moradia.

**FOB** - Faculdade de Odontologia de Bauru, campus da USP.

**FUVEST** - Fundação Universitária para o Vestibular.

**GAC** - Grupo Administrativo do Campus - AG/Unesp Bauru

**IA** - Instituto de Artes da Unesp, campus São Paulo/Barra Funda.

**ICMS** - Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços.

**INCRA** - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, autarquia federal criada em 1970 cuja missão prioritária é executar a reforma agrária e realizar o ordenamento fundiário nacional, seguindo cinco diretrizes: democratização do acesso a terra, participação social, fiscalização da função social, qualificação de assentamentos e titulação dos territórios quilombolas.

**IFSP** - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, que compõe a Rede Federal de Educação Científica e Tecnológica, vinculada ao MEC. (Antigos CEFET e ETFSP)

**ITE** - Instituição Toledo de Ensino, IES privada vizinha à antiga FEB, fundada pelo professor Antônio Eufrásio de Toledo (1901-1978) em 1950 como escola técnica teve posteriormente a faculdade de direito criada em 1951.

**IES** - Instituição de Ensino Superior.

**JUC** - Juventude Universitária Católica

**LAI** - Lei de Acesso a Informação (Lei nº 12.527/2011), que, segundo o sítio do Governo Federal, “regulamenta o direito constitucional de acesso às informações públicas”. Vigorando desde 16 de maio de 2012, “criou mecanismos que possibilitam, a qualquer pessoa, física ou jurídica, sem necessidade de apresentar motivo, o recebimento de informações públicas dos órgãos e entidades”.

**LDB/71** - Refere-se a 2ª Lei de diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 5.692, de 11 de agosto de 1971, sancionada durante a ditadura militar pelo presidente Emílio Garrastazu Médici).

**LDB/96** - Refere-se a 3ª e atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996, sancionada pelo presidente Fernando Henrique Cardoso).

**LIEU** - Liga Interuniversitária de Esportes Universitários. Reúne representantes de 23 atléticas (todos os campi da Unesp, menos São Paulo).

**MAB** - Movimento dos Atingidos por Barragens, originado a partir da CPT do final dos anos 70 nos estados de SC e RS, na luta contra a desapropriação de terras a partir da construção de grandes empreendimentos infraestruturais, especialmente o caso das hidrelétricas.

**ME** - Movimento Estudantil.

**MS** - Movimento(s) Social (is).

**MST** - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra.

**MSTC** - Movimento Sem Teto do Centro.

**MTST** - Movimento dos Trabalhadores Sem Teto.

**NeoCriativa** - Núcleo de Estudos e Observação em Economia Criativa da FAAC/Unesp (desde 2010).

**OEDH** - Observatório de Educação em Direitos Humanos da Unesp

**PEC** - Proposta de Emenda Constitucional.

**PET** - Programa de Educação Tutorial, programa do Governo Federal de estímulo à graduação, extensão e pesquisa universitários no nível de graduação.

**PICU** - Projeto de Integração dos Calouros da Unesp (desde 1998).

**PIMESP** - Programa de Inclusão com Mérito no Ensino Superior Paulista, principal razão para a eclosão da greve estudantil da Unesp em 2013.

**PJ** - Pastoral da Juventude, organização de ação social da América Latina, surgida nos anos 80 com participação de estudantes e educadores — especialmente de ex-militantes da JEC —, com inspiração na Ação Católica Especializada, na Pedagogia do Oprimido e na Teologia da Libertação, dos anos 60. Constitui-se da juventude brasileira e estrangeira ligada à CNBB e a movimentos sociais.

**PJR** - Pastoral da Juventude Rural, ramo da PJ que atua com a juventude camponesa no Brasil.

**ProUni** - Programa universidade para todos.

**PUC** - Pontifícia Universidade Católica.

**PUCCamp** - Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

**RU** - Restaurante Universitário, também conhecido como Bandeirão, Bandeco, ou Bandex. Estrutura comumente aplicada em IES públicas, com alimentação subsidiada pelo orçamento da universidade para docentes, discentes e técnicos. A Administração Geral da Unesp Bauru

recorre ao contrato de parceria público-privada, gerindo um serviço com modelo de austeridade, onde há um sistema de reservas.

**SENAI** - Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial.

**STAEPE** - Seção Técnica de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão.

**UB** - Universidade de Bauru (1985-1988).

**UBES** - União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (ensino fundamental, médio, profissionalizante e pré-vestibular).

**UFSCar** - Universidade Federal de São Carlos.

**UJS** - União da Juventude Socialista, ou a juventude do Partido Comunista do Brasil.

**Unifesp** - Universidade Federal de São Paulo.

**USP** - Universidade de São Paulo.

**UPES** - União Paulista dos Estudantes Secundaristas.

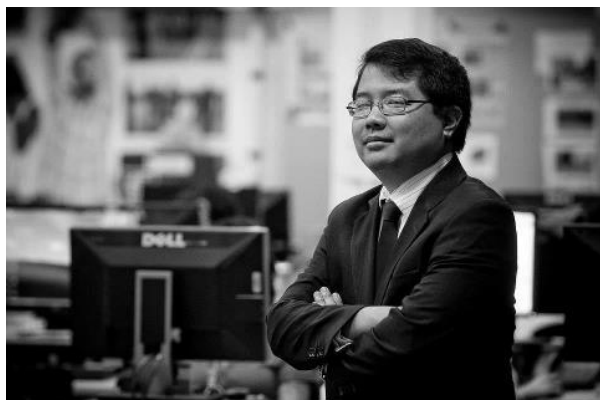
**Unesp** - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

**Unicamp** - Universidade Estadual de Campinas.

**Vunesp** - Fundação para o Vestibular da Unesp.



Podemos dizer até aqui, sob um olhar do autor que detalha tanto, que Eduardo Hiroshi Kawauche, Hiro, esteve entre suas paixões e sua luta sob a gestão de uma entidade como o DADICA. Não é nada fácil lidar com lutas estudantis se, mesmo com entidades melhor financiadas ou melhor conceituadas, ocorre um conflito com valores que representam atraso, comodismo, quando se deseja inerentemente a mudança. O suicídio por vezes é uma decisão particular e ao



mesmo tempo de algum senso do termino de um papel exercido em vida — especialmente em se tratando de uma liderança — principalmente se há um ego gravemente ferido e derrotado. Viver entre tudo isso e o saber automotivo tende a não trazer respostas. Mas ao mesmo tempo — até por consequência das aulas introdutórias da graduação deste autor — que esta morte não necessariamente precisa ser física. Bastasse o reinício, o escape. Uma conclusão sobre o amor, quem sabe.



Em 1998 houve grande manifestação devido a um massivo aumento na passagem de ônibus, de R\$0,65 para R\$0,90 (38%). Professores sindicalizados entraram em confronto com a PM e Duílio Antônio Duka de Souza Zanni, na época diretor da subsele de Bauru da APEOESP, sofreu grave ferimento na cabeça. A Gestão do segundo mandato do prefeito Antônio Izzo Filho, então no Partido Democrático Trabalhista (PDT), se envolvia em

diversos casos de corrupção chegando a sofrer afastamento pela câmara dos vereadores. Para se citar um de vários havia a acusação de extorsão contra a ECCB Por essa acusação, foi preso somente em 2009.



Guilherme Cunha Weimann (2009-2016) cursou a faculdade de Jornalismo da FAAC e participou de duas gestões do CACOFF, mas foi muito mais ativo por movimentos sociais, após cursar o Estágio Interdisciplinar de Vivência (EIV) do MST em 2012, o que o levou a puxar a organização do Levante Popular da Juventude, sem sucesso. Partiu para projetos de comunicação popular e para a atuação na direção do MAB produção de reportagens pelo jornal Brasil de Fato. Confira diálogo neste áudio.



Guilherme se reuniu com Vinícius Denadai e Bruno Ferrari, seus colegas de turma, foram se alimentando das melhores ideias através de colagens de Radialismo, Coutinho, Bernadet... e formaram uma produtora audiovisual chamada *Substância*, um coletivo audiovisual. Dentro do MAB foram propostas soluções audiovisuais como forma de transmissão das mensagens políticas. A experiência do trio levou à produção, junto da cineasta Adriane Canan e sob a direção do coletivo de mulheres do MAB, do documentário *Arpilleras: atingidas por barragens bordando a resistência*, que tratou da reunião de cinco contextos, um para cada uma das regiões do Brasil, de violação de Direitos Humanos, especialmente a situação de opressão sobre as mulheres na construção de barragens. Por meio das entrevistas a superação desta opressão se dá através da técnica de bordagem, que nasceu no Chile dos anos 40. O doc foi a escolha do público em premiação do 44º Festival Sesc Melhores Filmes e foi exibido em cinemas do Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília.

